

Anna de Oliveira 13-3-12d)

REVISTA ESCOLAR

CORGAM DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO II

S. PAULO — 11.º de Outubro de 1925

N.º 110

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Alvaro do Arouche, 62

Redactor-director:

Prof. J. Pinto de Silva

Redactor-auxiliar:

Prof. Dr. José Weiga

SUMARIO:

Revista Escolar.

LIÇÕES PRATICAS: 1. — Linguagem. 2. — Arithmetica. 3. — Geometria. 4. — Geographia. 5. — Physica. 6. — Systema metrico. 7. — Educação moral. 8. — Hygiene. 9. — Zoologia. 10. — Educação civica.

PEDOLOGIA: 1. — A imaginação e suas variedades na criança. 2. — Evolução psychica da criança.

LIÇÕES DE COISAS: 1. — O giz. 2. — O bambú. 3. — A canfóra. 4. — O lapis. 5. — O cimento. 6. — O verniz. 7. — A illuminação. 8. — A ceramica. 9. — O arco-iris. 10. — A caneta.

QUESTÕES GERAES: 1. — Palestras sobre ensino. 2. — Instruir-se pela leitura.

LITTERATURA INFANTIL: 1. — Monologo. 2. — Amigos. 3. — O vento e o sol. 4. — O sacy-pererê. 5. — O primeiro gymnasio. 6. — Os amigos da agricultura. 7. — Mãe e filho. 8. — O jardim da vovó. 9. — A fada e o lenhador. 10. — Mestres.

NOS ARRUAES DO ENSINO: 1. — Do espirito philosophico no ensino.

VULTOS E FACTOS: 1. — Oswald Cruz.

PAGINA DA CRIANÇA: 1. — Exercícios de raciocínio.

METODOLOGIA: 1. — Processo educativo.

MUSICAS E CANTOS ESCOLARES: 1. — Cão dos possadores.

EDUCAÇÃO PHYSICA: 1. — Jogos escolares.

NOTICIAS: 1. — 7.º de Setembro. 2. — Festa das arvores. 3. — A instrução publica no Estado de S. Paulo, segundo a ultima reforma.

SECRETARIA DO INTERIOR: 1. — Actos diversos.

S. PAULO — Brasil

1925

REVISTA ESCOLAR

ORGAM DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO I || S. PAULO - 1.º de Outubro de 1925

N.º 10

A REVISTA ESCOLAR

S. Paulo — outubro — 1925.

Consoante o plano estabelecido na presente secção deste mensario, A LEITURA EXPRESSIVA constituirá o assumpto a sêr hoje aqui desenvolvido.

Antes, porém, de tratar do processo mais seguro e efficaç para o ensino dessa disciplina ás crianças do curso primario, torna-se mistér definir o que ella seja e qual o seu objecto.

LEITURA EXPRESSIVA, como se deduz da propria denominação, é aquella em que o leitor diz mais do que lê, porquanto elle não se limita á simples enunciação da phrase impressa, mas tambem a compreender, sentir e interpretar o assumpto, já em seus detalhes, já em seu conjunto. Em synthese: *lêr expressivamente*, é dizer, com clareza, compreensão e sentimento, o que a vista percebe graphado nas paginas dum livro.

A LEITURA EXPRESSIVA, pela sua natureza especial, aproveita não sómente ao proprio leitor, como ao ouvinte; dahi não poder ella fugir ás observações que sua definição abrange. Outrosim, ella obedece a certos preceitos, entre os quaes os relativos á physiologia respiratoria, preceitos que jámais, diga-se de passagem, deverão ficar adstrictos ao convencionalismo da pontuação. Quanto a este particular, nos reservamos para ultiores explanações.

A LEITURA EXPRESSIVA assignala-se ainda pelo seu caracter inconfundivel com o de quaesquer outras leituras, taes como as destinadas a exercicios praticos de lingua-gem, as que se applicam para fixar noções de coisas, de sciencias physicas e naturaes etc., etc.



Daqui se infere que os livros para essa especie de leitura deverão versar assumptos capazes de despertar as faculdades emotivas do alumno concomitantemente com a sua actividade cerebral; elles precisam, por consequencia, sêr adaptados e adaptaveis á capacidade mental de cada classe, de cada criança. "A escolha dos alimentos intellectuaes, diz Guyau, deve sêr regulada segundo a natureza dos cerebros."

Feitas essas considerações, tratemos agora do processo a empregar no ensino da LEITURA EXPRESSIVA.

Em primeiro logar, o professor, mais do que nunca, deve estar préviamente preparado, completamente senhor da materia. Este ponto é de capital importancia, e si não fôr observado, haverá vacillações no decorrer da lição, o que redundará em verdadeiro fracasso.

Assim habilitado, o mestre iniciará a sua lição, resumindo e narrando primeiramente o assumpto que vae lêr; em seguida o lerá por partes, analysando phrases e termos e solicitando sempre a attenção dos discipulos; lê-lo-á, finalmente, na integra, com voz clara e natural, dicção correctá e impecavel. Neste trabalho, a expressão será reforçada pela mimica e gesticulação requeridas, mas sóbriamente, com toda naturalidade, sem esse emphatismo declamatorio e ridiculo, em que o exaggero da voz e do gesto compromete o rythmo, a harmonia e até a clareza da phrase. Pôrque é preciso attentar: — não é o leitor quem domina o assumpto, mas vice-versa; lêr com expressão é dizer com sentimento.

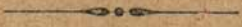
Terminada esta primeira parte da lição, cabe agora ao mestre demonstrar a seus alumnos e fazel-os verificar praticamente que os signaes de pontuação, embora nos guiem no decorrer da leitura e assignalem pausas respiratorias, não pôdem por si só determinar a expressão nem imprimir á voz as modulações exigidas pelo assumpto: estes factos se realizam como reflexos de emoções; constituem-se em lei de ordem psychologica e portanto não se acorrentam á cadeia das pragmaticas grammaticaes

Agora, é a vez dos discípulos, que lerão, cada qual de per si, o capítulo em estudo e o interpretarão expondo-o correntemente.

Isto realizado, observações complementares serão feitas pelo mestre sobre as falhas commetidas pelos leitores — observações, aliás, proveitosissimas para a classe toda.

Pelo exposto, torna-se cada vez mais exacto, e portanto digno de recapitular, que a LEITURA EXPRESSIVA não deve sêr confundida com qualquer outra; não é uma simples leitura corrente; não é um méro exercicio de enunciar vocabulos e phrases escritas, mas sim uma leitura intelligente, compreendida, sentida e, como tal, manifestada, simultaneamente, pela palavra e pela mimica.

Finalmente, é desse ponto de vista que ella deve sêr encarada, e parece-nos que os processos indicados pará o seu ensino surtirão o effeito desejado, isto é, habilitarão o alumno para estudar de vespera a lição que ha de lêr em classe, com intelligencia e expressão.





LIÇÕES PRÁTICAS

LINGUAGEM

Vistas as sentenças QUANTO À FÓRMA, todas simples — *affirmativas, negativas exclamativas, interrogativas e interrogativo-negativas* — passará o professor a ensinar as sentenças QUANTO AO CONTEUDO — *simples, compostas e complexas*.

— Vá á pedra, Luiza; escreva esta sentença: — *O gato mia.*

— Bem. Que mais poderá fazer o gato?

— Sim: *rosna, come, dorme, pula, corre, bebe, brinca* etc.

— Fôrme, então, adeante dessa, outra sentença com a palavra *gato*.

— Muito bem! *O gato dorme. Sente-se.*

— Quantas coisas, Carmen, se dizem do gato, nestas duas sentenças — *O gato mia — O gato dorme?*

— Perfeitamente. Dizem-se duas coisas: *mia e come.*

— Não poderá você, Lucia, juntar essas duas sentenças numa unica?

— Junte-as, então. Virá... como?

— Exactamente: — *O gato mia e o gato dorme.*

— Mas, não se fala assim. Sempre seguimos a lei do menor esforço, e a sentença está um pouco *comprida*.

— Quem será capaz de *encurtar* um pouco a sentença formada por Lucia?

— Encurte-a você, Maria Eugenia.

— Muito bem: — *O gato mia e dorme.* A sentença está na ordem *contracta*.

— Sabe a classe que *café* só é uma coisa e que *café com leite* é outra.

— Quem toma apenas *café*, que especie de café toma?

— Quem toma *café com pão*, que especie de café toma?

— Levante a mão quem sabe.

— Diga você, Lucy.

— Certamente: num caso, toma *café sem mistura*, ou *café simples*; noutro caso, toma *café com mistura*, ou *café composto*. Pois o mesmo se dá com as sentenças: num caso, digo só que — *O gato mia*; noutro caso, digo que — *O gato mia e dorme*.

— Que nome havemos de dar a esta sentença — *O gato mia* — que tem só uma affirmação?

— Chamar-se-á, como no caso do *café sem pão*, uma sentença ... como?

— Certamente: chamar-se-á *sentença simples*.

— Que nome terá, Jandyna, esta sentença — *O gato mia e dorme*? Será simples também?

— Exactamente. Não é simples. Chama-se ... como?

— De certo. Chamá-se *composta*, pois se dizem duas coisas do gato.

Bem. Por hoje, basta. Continuaremos na proxima lição.

Para amanhã tragam-me, como exercicio feito em casa, uma lista com seis sentenças, sendo tres simples e tres compostas.

ARITHMETICA

FRACÇÕES DECIMAES

I

O valor e a importancia da fracção decimal são indiscutíveis. O seu uso generalizado tem tido um effeito notavel sobre certas outras partes da Arithmetica. Tem diminuido a importancia de assumptos taes como “Maximo Divisor Commum” e “Minimo Multiplo Commum”; tem, enfim, simplificado consideravelmente muitos calculos.

(Cada alumno terá sobre a carteira uma tesoura e um pedaço de papel de um decímetro quadrado. Esse papel deverá ser riscado, no sentido horizontal, em centímetros.)

Professor. — Um fazendeiro quiz dividir sua fazenda entre os seus dez filhos. Este papel que aqui temos representa a fazenda. Vamos dividil-a.

A. — O papel está riscado em dez partes eguaes; é só cortal-o pelos riscos.

A. — Agora são dez fazendas.

A. — Pequenas assim! São dez pedaços da fazenda.

P. — Cada pedaço destes, que parte é da fazenda toda?

A. — É a *decima parte*.

P. — Muito bem: é a *decima parte* ou um *decimo*. Si dividirmos uma peça de renda em partes eguaes, cada parte será o que da peça toda?

A. — Um *decimo* da peça.

P. — Respondeu bem... Supponhamos que o fazendeiro desse a um dos filhos *duas partes* da fazenda. Quanto receberia esse filho?

Mostre-nos, com as tiras que você cortou, Armando.

A. — (Mostrando.) Teria estas duas partes.

P. — Cada tira, cada parte, quanto é?

A. — É um *decimo*. Ah!... esse filho teria *dois decimos* da fazenda toda.

P. — Justamente. E sete tiras, Antonio, que parte do quadrado são?

A. — (Mostrando.) Sete tiras são *sete decimos*.

P. — E tres partes, Alvaro?

A. — Tres são *tres decimos*.

P. — Si você, Augusto, quizer escrever 1 fazenda, 7 fazendas, 3 fazendas, que algarismos usará? Escreva.

A. — (Escreve.) 1, 7, 3.

P. — Quando queremos representar com algarismos, um *decimo* da fazenda, um *decimo* da peça de renda etc, escrevemos ,1.

A. — É preciso a virgula?

P. — Sim, senhor. Esta virgula é a parte mais importante. E' chamada *virgula decimal* e separa os inteiros das partes fraccionarias. Todo algarismo que estiver á direita da virgula é sempre *pedaço, parte, fracção*.

A. — E á esquerda?

P. — A' esquerda vêm os inteiros, quando os houver.

Lembram-se com certeza da lição das *casas dos algarismos*, não se lembram?

A. — Eu me lembro, professor.

A. — *Unidades, dezenas, centenas*.

A. — Eu aprendi isso no primeiro anno.

P. — Ainda bem que você se lembre do que aprendeu no primeiro anno. Pois os pedaços, as partes, as fracções, tambem têm casas.

A. — Tambem são unidades, dezenas, centenas?

P. — Não. Aqui todas as casas têm nomes differentes.

A. — Então, é mais difficil.

P. — Hoje aprenderemos que esta primeira casa á direita da virgula, esta primeira *casa decimal*, chama-se *casa dos decimos*.

A. — Ah! Essa nós já aprendemos, quando dividimos a fazenda.

P. — Venha Arthur mostrar-me *um decimo* da fazenda.

A. — (Mostra.)

P. — Agora, escreva *um decimo*.

A. — Prompto: ,1.

P. — Arnaldo, mostre primeiro, e depois escreva *nove decimos*.

A. — (Mostra e escreve.) ,9. E' quasi a fazenda inteira.

P. — Quanto falta para sêr toda?

A. — Falta (mostra) este *um decimo*.

P. — Agora, eu vou escrever e vocês vão lêr. (Escreve diversos decimos.)

*
**

(Depois que o alumno tiver concepção clara da *fracção decimal*, muito tempo deve sêr gasto na sua leitura e escrita.)

P. — (Pegando um quadrado inteiro.) Certo homem possuía esta fazenda inteira, e comprou do vizinho, que tinha uma fazenda igual, *um decimo*. Com quanto ficou o comprador?

A. — Com uma fazenda e um decimo.

P. — Escreva o algarismo que representa *uma fazenda*.

A. — (Escreve.) 1.

P. — Agora, a essa fazenda, (mostrando o algarismo 1) ajunte o decimo que elle comprou.

A. — (Escreve.) 1,1. E' assim?

P. — Muito bem. Reparem que sempre depois do inteiro diz-se *e*.

(*O professor dará muitos exercicios na leitura e escrita de numeros mistos em que entrem só decimos.*)

(*Continúa.*)

GEOMETRIA

(FÓRMAS)

PRISMA RECTANGULAR

Deixae a criança empregar sua actividade em construir praticamente, applicando a lei psychologica: conhecer, fazendo e fazer, conhecendo."

Professora. — Vejo que já acabaram os cubos de barro. Estarão elles bem feitiños?

Alumno. — O meu está.

P. — Como sabe que o seu cubo está bem feito?

A. — Está bem feito, porque os seus seis lados são quadrados, bem eguaes. Eu os medi, um por um.

P. — E os angulos são todos rectos?

A. — São, sim, senhora. Si não o fossem, os lados não seriam quadrados.

P. — Muito bem... Traga o seu cubo, Roberto. Vamos cortá-lo.

A. — Ah! o meu, não! Porque a senhora não corta um que não esteja bem feito?

P. — Escolhi o seu, justamente por sêr perfeito. Demais, todos vão cortar os cubos. Você também vae cortar o seu, para nelle aprendermos uma outra fôrma. Tome esta faca.

Quanto mede cada arésta do seu cubo?

A. — Um decimetro certinho.

A. — Ou dez centímetros.

P. — Quanto medirá a metade?

A. — Cinco centímetros.

P. — Marque 5 centímetros nessa face e 5' nessa outra, que fica opposta. Risque, unindo os dois pontos marcados.

A. — Prompto!

P. — Agora, corte bem certo pelo risco.

A. — Ficaram dois tijolinhos.

P. — Façam vocês todos a mesma coisa, tendo o cuidado de dividir os seus cubos bem pelo meio.

A. — Prompto!

P. — Agora, posição e atenção! Venha Renato achar, ali na nossa caixa de fôrmas, uma que seja igual ás nossas fôrmas de barro.

A. — Esta é bem igual.

P. — Ricardo, examine bem este sólido que Renato trouxe.

A. — Eu já sei bem como elle é.

P. — Então, feche os olhos. (Entrega a Ricardo um prisma rectangular.) Este é igual áquelle que Renato trouxe da caixa?

A. — E' igual, sim, senhora. Tem a mesma fôrma que as nossas metades de cubo.

A. — Eu quero achar um, com os olhos fechados. Posso?

P. — Venha.

A. — (Achando.) E' este.

P. — (Entregando um cubo.) Raul, este sólido é igual á metade do cubo?

A. — (Apalpando.) Este é um cubo inteiro. Todos os lados são quadrados.

P. — Muito bem. Uma vez que conhecem bem a fôrma, vejam que especies de superficies tem este nosso novo sólido?

A. — São superficies planas; ficam bem direitinhas na mesa, sem rolar.

P. — Sim, são superficies planas, mas, quantas são? Vamos contar e marcar, Romeu.

A. — Como fizemos com o cubo?

P. — Justamente. Mas marque as maiores primeiro.

A. — (Numera as faces á medida que vae falando.) 1 face, 2 faces, 3 faces, 4 faces, 5 faces, 6 faces.

P. — Marquem vocês tambem.

A. — São 6 faces, como o cubo.

A. — Ralpho, leve o seu sólido ao quadro-negro e passe o giz ao redór das suas faces maiores.

A. — Ao redór dos numeros 1 e 2? (Risca no quadro-negro ao redór das duas faces quadradas.) Estas duas superficies são quadradas.

P. — Raphael, venha riscar ao redór das outras.

A. — Das outras quatro? (Risca.)

P. — São quadradas as suas superficies?

A. — Não são bem quadradas.

P. — Porque não o são? Não têm os angulos rectos?

A. — Têm, sim, os angulos rectos, mas os lados não são eguaes. Dois são bem mais compridos.

A. — São *quadrados compridos*.

P. — Mostrem-me alguma coisa na sala que tenha essa fôrma.

A. — O quadro-negro.

A. — As paredes.

A. — O tecto.

A. — O soalho.

A. — A folha do caderno.

P. — Basta, basta. Este *quadrado comprido*, como disse o Julio, chama-se *rectangulo*. Dizemos que estas 4 superficies são *rectangulares*, porque têm a fôrma de *rectangulos*.

Rodolpho vae nos dizer tudo quanto aprendeu a respeito das superficies deste sólido.

A. — Elle tem 6 superficies: 2 quadradas eguaes (mostrando) e 4 rectangulares tambem eguaes.

P. — Venha, Rubens, contar as arésta.

A. — As quinas? (Conta e marca.) 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12 arésta.

P. — Meça as arésta, Paulo.

A. — (Mede, mostrando.) Estas 8 são eguaes.

P. — Quanto mede cada uma?

A. — Dez centímetros.

P. — Agora, você mesmo, meça as outras.

A. — (Mede.) Estas 4 têm cada uma 5 centímetros, a metade.

P. — Roberto, diga tudo o que sabe das arésta.

A. — Este sólido tem 12 arésta rectas, sendo 8 eguaes, e medindo as outras 4 (que tambem são eguaes) a metade do comprimento das maiores.

P. — Conte, Renato, os cantos.

A. — (Contando e marcando.) Tem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 cantos eguaes.

P. — E angulos?

A. — Tem angulos nos 6 lados. Cada lado tem 4 angulos rectos.

P. — Sim, senhor, muito bem!

A. — Falta aprender como se chama o sólido.

P. — Este sólido, a metade do cubo, chama-se *prisma rectangular*.

A. — Que nome difficil!

A. — Difficil nada! E' só a gente se lembrar de *prisma Rectangular*, já aprendemos: é o que tem esta fôrma. (Mostrando os rectangulos do prisma.)

P. — Vamos dizer nomes de coisas que têm a fôrma de *prisma rectangular*.

A. — Caixinhas.

A. — Dictionarios.

A. — Pedras.

- A. — Rapaduras.
A. — Borrachas.
A. — Tijolinhos de doce.
A. — Ladrilhos.
-

GEOGRAPHIA

ESTRADAS DE FERRO

IV

ESTRADA DE FERRO SOROCABANA

As crianças devem merecer toda a nossa atenção e o nosso carinho; porisso precisamos instruil-as usando dos methodos mais perfeitos, claros, praticos e interessantes, para educal-as sem as maltratar.

O ensino da Geographia será um fantasma horrivel para os alumnos, si o professor não o souber ministrar. Tornal-o o mais pratico possivel, é fazel-o facil e agradavel ás crianças.

Professor. — Que dia da semana é hoje, Noé?

Alumno. — Hoje é sabbado.

P. — Então, é o dia da distribuição dos premios de comportamento, applicação e assuiduidade, que lhes prometti, não é verdade? Assim fazendo, creio eu que nada mais lhes devo, não acham?

A. — Perdão, professor, mas o Sr. ainda nos deve uma coisa...

P. — Eu?! Que coisa será essa?!

A. — O Sr. nos disse, a semana passada, que si nós fossemos bomzinhos, havia de fazer uma viagem comnosco todos os sabbados.

P. — E' verdade. E vocês acham que são bomzinhos?

A. — Sim, senhor.

P. — Não são nada modestos! ... Vocês têm razão. De facto, andam todos muito direitinhos e porisso vamos aproveitar o tempo para viajarmos. "Promessa é dívida". Vou, pois, cumprir a minha, hoje mesmo.

Iremos então empreender uma longa viagem, por uma estrada de ferro muito importante, pertencente ao governo do Estado, e que tem por estação inicial um grande edificio que fica junto á *Estação da Luz* e que se chama ... Quem sabe? Vejam no mappa.

A. — *Estrada de Ferro Sorocabana.*

P. — Perfeitamente. E' uma estrada muito importante, que possui grandes ramaes ligando-a a outras estradas e tambem o nosso Estado ao de Mato-Grosso e aos do sul do Brasil.

Como se trata duma via férrea muito extensa, como vocês pódem vêr aqui no mappa, faremos hoje uma viagem directa e mais tarde, si quizerem, percorreremos os seus ramaes. Partamos, pois. Tomemos os bondes. Eis-nos na grandiosa *Estação Sorocabana*, que vaé desde a rua ... Diga quem sabe.

A. — *Mauá.*

P. — Até ao largo ... Outro menino, fale.

A. — *General Osorio.*

P. — O trem começa a rodar sobre os trilhos. (Afim de nomear os logares por onde a estrada passa, o professor chamará os alumnos ao mappa.) Estamos passando agora, José, pela estação da ...

A. — (Mostrando no mappa.) *Lapa.*

P. — Eis que chegamos em ...

A. — *Osasco.*

P. — Aqui ha um grande e modelar matadouro, ondè se preparam carnes congeladas, salames, presuntos etc. Daqui iremos passar pelas estações de ...

A. — *Baruery, Itapevy, São João, Maylaski.*

P. — Parando o trem na cidade de ...

A. — *São Roque.*

P. — Que é um importante centro de lavoura e tem muito bom clima.

Você, João, vae lêr o nome daquella estação onde o trem vae parar agora.

A. — Chama-se *Mayrink*.

P. — Daqui parte um ramal que é a *E. F. Ytuana*, que passa por diversas cidades importantes do Estado.

Vamos passar agora pelas pequenas localidades de ... Continuem a olhar o mappa.

A. — *Rodovalho, Piragibe, Inhaíba e Brigadeiro Tobias*.

P. — Chegando em ... Fale, Antonio.

A. — *Sorocaba*.

P. — Esta cidade é muito prospera; está situada nas margens do rio de igual nome. Eis ali a grande ponte de 72 metros de comprimento, ligando as duas margens do rio *Sorocaba*, que, como, vocês sabem, é um affluente ... de que rio? ... Quem sabe?

A. — Do *Tietê*.

P. — Sorocaba, meus amiguinhos, é uma cidade muito industrial. Possui fabricas de tecidos de lã e algodão; de estampania, chapéos, calçados etc. É a *Manchester* do Brasil, como lhe chamam.

A. — Porque, professor?

P. — Porque *Manchester*, é o nome duma cidade muito industrial da Inglaterra. De Sorocaba parte um pequeno ramal que vae a *Votorantim* e ás grandes usinas da *Light and Power*. Vamos deixar com saudades a terra do trabalho.

Por onde iremos passar agora, Luiz? Veja no mappa.

A. — Pelas estações de *G. Oetterer, Bacaetava, Santo Antonio e Boituva* ...

P. — Donde saem dois ramaes: um vae até Porto-Feliz e outro, muito importante, por onde havemos de viajar ainda, passa por diversas cidades do Estado, indo ligar a *Sorocabana* á *Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande*, estabelecendo deste modo communição entre o nosso Estado e os demais Estados do sul do Brasil. De Boituva passaremos por onde, Joaquim? Siga o mappa.

A. — *Anísio Moraes, Paineiras, Cerquilho e Jurú-Mirim* . . .

P. — Indo parar o trem na cidade de . . .

A. — *Laranjal*.

P. — De Cerquilho são um ramal que vai á cidade de *Tietê*. Da cidade de Laranjal só iremos parar . . . em que cidade, Manoel?

A. — Em *Botucatu*.

A. — Muito bem. Vejo que todos estão attentos, seguindo o mappa. Mas antes, passaremos . . . por onde, Arthur?

A. — *Lopes Pereira, Conchas, Salgado, Piramboia, Remédios, Alambary, Oity e Victoria*.

P. — Daqui parte um ramal (vejam) que vai até *Porto Martins*, nas margens do rio *Tietê*. Já estamos em Botucatu. Vamos comer alguma coisa, pois vocês já devem estar com fome. Enquanto comermos, conversaremos sobre a cidade. Botucatu é um centro já adiantado; é sede dum bispado e possui também uma escola normal.

O trem já partiu. Agora você, Pedro, vai me dizer o nome dos lugares por onde passamos.

A. — *Rubião Junior, Toledo e Igualdade*.

P. — Da estação de *Rubião Junior* parte um importante ramal que vai até *Presidente Epitácio* nas margens do rio *Paraná*, que, como sabem, separa o nosso Estado do . . . Estado de . . . diga, quem souber.

A. — *Mato-Grosso*.

P. — O trem parou agora em . . . quem sabe?

A. — *S. Manoel*.

P. — Passaremos agora, por onde, Bento?

A. — Pelas localidades denominadas: *Rodríguez Alves Paranhos e Alfredo Guedes*.

P. — Pararemos alguns minutos em . . . vejam sempre o mappa e respondam.

A. — *Lençóis*.

P. — Depois passaremos por . . .

A. — *Virgílio Rocha e Bom Jardim*.

P. — De *Virgílio Rocha* são um ramal que vai a *Boreby* e *Coronel Leite*. Estamos chegando agora na cidade de . . .

A. — *Agudos.*

P. — Daqui partem dois ramaes: um vae até *Piratininga* e outro liga a *Sorocabana* á *Paulista*. Estão cansados? Só nos restam algumas horas de viagem para chegarmos em Baurú, depois de passarmos por *Conceição*. Baurú, meus meninos, é uma cidade nova e muito importante. E' o ponto terminal da *Sorocabana*. Dahi parte um ramal que vae á *E. F. Paulista* e tambem a importante via-férrea chamada *E. F. Noroeste do Brasil*, que penetra nos sertões do nosso Estado, atravessa cidades novas e florescentes e vae ligar o E. de S. Paulo ao E. de Mato-Grosso. A ultima localidade paulista que ella serve é *Jupiá*, que fica nas margens do *Paraná*. Mas . . . já estamos em Baurú. Desembarquemos, procuremos hoteis e vamos jantar e dormir, pois vocês já devem estar com fome e somno. Antes, porém, vamos traçar no papel a nossa viagem. Estão satisfeitos?

A. — Sim, senhor.

P. — Continuem bomzinhos, que brevemente faremos outro passeio.

PHYSICA

“Faça com que o alumno descubra a verdade por si mesmo. Acorde a mente. Ponha os alumnos a pensar. Desperte o espirito de investigação. Todas estas maximas são expressões duma só lei: acceitar e dirigir as actividades proprias do alumno e nada dizer que elle possa aprender por si mesmo.”

Professor. — Feche os olhos, Arthur, e leia esta lição.

Alumno. — Não posso lêr com os olhos fechados.

P. — Feche as janellas e leia, Armando.

A. — Não posso lêr.

P. — Porque?

A. — Porque não enxergo.

P. — Não enxerga, porque não ha luz. Vêem vocês que precisamos dos olhos e da luz para vêr, para lêr. Lemos a nossa

lição com o auxilio dalguma coisa que é reflectida do papel aos nossos olhos. Isso é a *luz*, que se encontra em todo o universo. E' o agente que nos torna visiveis os objectos. E' uma das muitas fórmãs da energia e nenhuma outra fórmã é mais importante ou interessante. Conhecemos a luz pelos olhos.

A. — Os cegos não a conhecem.

P. — A luz tem sido objecto de estudo durante muitos seculos, mas só ultimamente chegou-se á conclusão de que ella consiste em ondas no ether. O calor e a luz são effeitos do movimento vibratorio de moleculas pelas ondulações do ether.

Qual é a luz mais forte que você conhece, Armando?

A. — E' a luz do sol.

P. — E' do sol que nós, aqui na terra, recebemos luz e calor; seus raios dão á humanidade luz, calor e alegria.

A. — Como são tristonhos os dias em que não vemos o sol!

P. — E á noite, o que é que nos illumina?

A. — A luz electrica, o gaz, as vélas e as estrellas.

P. — O sol, as estrellas, o filamento incandescente da lampada electrica, a chamma duma véla, um bico de gaz, são *corpos luminosos*. Durante seculos e seculos a humanidade desconheceu muitos dos corpos luminosos de que nos servimos hoje. A luz electrica da qual o homem, desde o mais humilde até ao mais rico, póde se utilizar hoje, é um thesouro de que nem os principes podiam gozar em outros tempos.

Os corpos que não tendo luz propria se tornam visiveis pela luz que recebem dos corpos luminosos, chamam-se *corpos illuminados*.

Dissemos que toda a luz está em movimento e é o movimento mais rapido do universo.

A. — Quanto anda por segundo?

P. — Depois de cuidadoso estudo, os physicos chegaram á conclusão de que a velocidade da luz é sensivelmente igual a 300.000 kilometros por segundo.

A. — Isso é no ar. E na agua tambem será essa a sua velocidade?

P. — Na agua a velocidade é tres quartos da velocidade no ar.

Feche, Arlindo, as janellas, deixando apenas uma fresta nesta janella. Que nota você?

A. — Eu vejo uma faixa de luz entrando pela fresta.

P. — Que direcção toma essa faixa de luz?

A. — Vem em linha recta.

P. — No ar, na agua, emfim num meio transparente e homogeneo, isto é, da mesma especie, a luz propaga-se em linha recta, em todas as direcções, a partir do corpo luminoso. Chama-se *raio luminoso* á recta que a luz segue em sua propagação. Quando, porém, a luz passa dum meio para outro — do ar para a agua, por exemplo, os raios luminosos soffrem um desvio na sua direcção. A recta quebra-se.

A. — Porque?

P. — Esse phenomeno, que é chamado *refracção*, tem por causa a differença de velocidade com que a luz se propaga nos differentes meios.

A. — Na agua caminha mais devagar?

P. — Sim ... voltemos á luz que passa pela fresta da janella. Alberto, o que fez o raio luminoso quando chegou aqui á parede?

A. — Parou.

P. — Do sol até a nós atravessou o que?

A. — O ar, que é *transparente*.

A. — Na parede parou, porque a parede é *opaca*, não se deixa atravessar pela luz.

P. — Muito bem. (Mostrando a sombra.) Que é isto que você vê aqui?

A. — É *sombra*.

P. — E essa sombra mais clara é a *penumbra*; é uma transição suave entre a sombra e a luz. A sombra e a penumbra são consequencias da propagação rectilinea da luz.

A. — Quer dizer que si a luz caminhasse em curva não aconteceria assim?

P. — Justamente.

A. — Quanta coisa aprendemos a respeito da luz!

P. — E muito mais ainda hão de aprender, si forem attentos.

SYSTEMA—METRICO

II

O DECIMETRO

Ensine-se o decimetro, o centimetro etc, primeiro como medidas, e só depois de bem estudados, poderão sêr reconhecidos como partes do metro.

Alumno. — Não vamos mais *brincar de loja*?

Professora. — Vamos, sim. Tire, Armando, o sortimento do armario e arranje bem direitinha a loja.

A. — (Tira.) A loja está installada.

P. — Desta vez será o Arthur o dono da loja. Eu sou a mãe e vou-lhes mandar á loja.

A. — Que bom!

P. — Eu quero fita para uma gravata. Quanto preciso comprar, Augusto?

A. — Acho que um metro chega.

P. — Então, vá comprar um metro e da côr que você quiser.

A. — (Compra.) Prompto, professora.

P. — Agora, Antonio, eu quero uma fita bem bonita para amarrar no pescoço do nosso cachorrinho. Quanto preciso?

A. — Um metro é muito.

P. — Quanto, então?

A. — Meio metro deve chegar.

P. — Alberto, eu quero um pedaço ainda menor para fazer um marca-livros. Quanto devo comprar?

A. — (Mostrando com os dedos.) Um pedaço *assim*.

P. — Ah! ... mas eu quero saber certinho quanto. Eu não posso ir á loja e dizer ao caixeiro: — dê-me um pedaço de fita *assim* ... Ninguém sabe como deverei dizer?

A. — (?)

P. — (Mostrando.) Este metro é muito. Precisamos ter uma medida menor. (Atravessa a sala andando.) Que devo fazer para saber quanto andei?

A. — Medir.

P. — Com o que?

A. — Com o metro.

P. — Meça, então, Americo.

A. — (Medindo.) A senhora andou 3 metros.

P. — Quanto andou essa mosca que acaba de atravessar o livro de Julio?

A. — Só medindo é que poderei saber.

P. — Com o que?

A. — O metro é muito grande.

P. — E' mesmo. Aqui temos uma pequena medida que nos contará quanto a mosca andou. (Distribue á classe tiras de papel cartão do comprimento de um decimetro.) Diga-me, Augusto, sabe que medida é esta?

A. — Não, senhora.

P. — Vou dizer-lhe: chama-se *decimetro*. Agora tomem os seus decímetros e examinem-n-os bem. Vejam o seu comprimento. Venha Aristides medir quanto andou a mosca, quando atravessou o livro.

A. — (Medindo.) Andou certinho 2 decímetros.

P. — Todos agora ponham seus cartões sobre o papel e risquem um decimetro.

A. — Prompto.

P. — De que comprimento é essa linha que você traçou?

A. — Tem um decimetro de comprimento.

P. — Venha Arnaldo ao quadro-negro fazer, sem o cartão, uma linha de um decimetro de comprimento.

A. — (Traça.)

P. — Vá buscar o seu decimetro, a sua medida, para vêr si está certa a linha.

A. — (Verificando.) Falta um pouquinho.

P. — Apague e faça outra.

A. — (Faz e verifica.) Está certinha desta vez.

P. — Agora, que conhecemos a medida pequena...

A. — O decimetro?

P. — Justamente. Podemos comprar o pedacinho de fita que queríamos para o marca-livros.

A. — Um decimetro é pouco. Serão precisos dois decimetros.

P. — Agora sim, você irá á loja e dirá o que quer.

A. — Eu quero comprar dois decímetros desta fita.

(Continuar-se-á a venda dos differentes artigos aos decímetros, insistindo-se que a medição seja exacta! Póde-se depois medir differentes objectos pequenos para se lhes conhecer o tamanho em decímetros.

Só então far-se-á uma linha com dez decímetros e mandar-se-á um alumno verificar que é o metro.)

EDUCAÇÃO MORAL

OBEDIENCIA

Mais importante do que a educação physica e intellectual da criança, é, por certo, a sua educação moral, cujos fins são mais elevados e mais nobres do que os que interessam ao corpo e á mente.

O professor precisa attender ao processo da formação e conservação da natureza moral. Tudo de mais bello no character precisa sêr desenvolvido e bem cuidado.

Professora. — Repita a sua maxima, Alvaro.

Alumno. — “Aquelle que aprendeu a obedecer saberá commandar.”

P. — Qual é o significado dessa maxima? o que quer ella nos ensinar?

A. — A obedecer.

P. — Sim, a obedecer. E como é difficil ás vezes obedecer! Entretanto, saibam vocês que a obediencia é a lei mais natural que existe. Tudo e todos, na natureza, obedecem.

A. — Como assim?

P. — Na natureza, innumerous são os exemplos de obediência.

As arvores brotam numa certa época do anno, florescem e frutificam. As sementes germinam; encaminham-se os galhos donde saem as flôres que depois dão frutos! Nunca vemos esta ordem, esta lei, desobedecida, invertida. Os planetas movem-se em suas orbitas, jámais, nem uma vez siquer, se desviando do seu curso. Supponhamos que a Terra, por um instante, desobedecesse á lei da natureza e parasse o seu movimento de rotação.

A. — Que aconteceria?

P. — A nossa esphera seria destruida num abrir e fechar de olhos.

A. — Que desastre!

P. — A desobediência sempre causa desastres. Observamos a obediência em tudo ao nosso redór, e mesmo assim ha crianças que pensam não precisar obedecer.

Que julgariam vocês da professora, si ella deixasse suas alumnas aqui e sahisse a passear; ou pegasse numa costura enquanto vocês fazem suas contas?

A. — A senhora não seria capaz de fazer isso!

P. — E porque não o faço? Não sómente porque preciso obedecer a uma autoridade superior, mas principalmente porque quero obedecer a uma lei ainda superior á autoridade: — *a lei do dever.*

E seus paes? suas mães? Já reflectiram vocês na obediência que elles têm que prestar?

A. — E' mesmo!

P. — Quantos desastres não se dão nas estradas de rodagem e nas estradas de ferro, devidos unicamente á desobediência ás leis.

A. — Onde está escrito "*De vagar*", é onde vão mais depressa.

P. — Centenas de vidas perdem-se annualmente por falta de obediência. Ha companhias, hoje em dia, que fazem questão de empregar sómente pessoas acostumadas a obedecer.

A. — Só os animaes não precisam obedecer.

P. — Como não! Os passaros não se esquecem de construir os seus ninhos, de alimentar os filhotes e de resguardal-os do frio.

Todo o universo obedece. Temos ás vezes que obedecer a leis bem difficeis. Não as obedecemos sómente por temor ao castigo, mas porque sabemos que é nosso dever.

Somos muito mais felizes quando obedecemos.

Ninguém poderá sêr cidadão util, si não tiver aprendido a obedecer ás leis.

A. — “Antes de saber commandar é preciso aprender a a obedecer”.

P. — Soldado desobediente, nunca chegou a capitão. Napoleão nunca teria conseguido o respeito dos seus soldados, si não tivesse primeiro aprendido a obedecer. Todos os grandes homens adherem com firmeza a certas leis.

Quanto mais civilizada é a nação, tanto mais ella se conforma com as leis do dever e da honra.

Espero que vocês tenham prestado bastante attenção e aprendido bem que a obediencia é necessaria em tudo e a todos, especialmente ás crianças para quem ella é o primeiro dever.

Amanhã leremos umas historietas interessantes sobre a obediencia.

HYGIENE

CUIDADOS NECESSARIOS PARA EVITAR AS MOLESTIAS CONTAGIOSAS E INFECCIOSAS. *Tuberculose*

“Apesar do programma (2.º anno médio) apresentar um desenvolvimento mais completo, as lições não devem deixar de sêr as mais simples possíveis, fugindo sempre á particularização. Convém banir das explicações os termos technicos que não são indispensaveis.” (*Programma de ensino.*)

Esta aula deve sêr illustrada com as gravuras distribuidas pela Directoria Geral de Hygiene, afim de despertar nas crianças o horror á tuberculose e ensinar-lhes mais facilmente o modo de evital-a.

Professor. — Attenção! Olhem todos para este quadro. Que está vendo, Rafael?

Alumno. — Eu vejo o retrato dum menino.

P. — Que está elle fazendo, João?

A. — Está jogando bóla e rindo muito.

P. — Sim. Este menino, que se chama Lulú, é gordo, corado, alegre e esperto, porque goza muita saude, não é assim? O Lulú é uma criança muito obediente e aprendeu na escola e em casa que precisamos ter muito cuidado para não adquirirmos certas molestias que nos são transmitidas por intermedio duns bichinhos muito pequenos, tão pequenos que os não enxergamos, a não sêr com o auxilio dum apparelho chamado *microscopio*.

Esses animaesinhos, que vocês pôdem vêr aqui nesta gravura, onde estão representados milhares de vezes maiores do que realmente o são, chamam-se *microbios*. São elles que se introduzindo em nosso organismo, nos transmittem diversas molestias que nos levarão á morte, como a *tuberculose*, o *cholera*, a *febre amarella*, a *variola*, a *febre typhoide*, a *lepra*, o *amarelão*, o *trachoma*, a *sarna* etc. Vejam agora esta outra gravura. Que representa ella, modesto?

A. — Um homem muito magro, tossindo e cuspiendo muito.

P. — Sim. Este homem, meus meninos, já está atacado duma terrivel molestia que se chama *tuberculose*. Ella é uma das doenças mais graves e espalhadas que existem. A pessoa tuberculosa é geralmente magra, faces cavas, olhos brilhantes; tosse muito e tem sempre febre. O doente atacado pela tuberculose perde o appetite, muda de voz, transpira muito quando dorme, e escarra sangue. Essa horrivel doença tem diversos periodos. Quando ella attinge a sua ultima phase, os pulmões ficam cavernosos. E' o que se dá na *tuberculose pulmonar*.

A. — A tuberculose só ataca os pulmões, professor?

P. — Não. Póde invadir outros pontos do organismo, como a garganta e partes proximas, produzindo a *tuberculose da larynge*; os intestinos, originando a *tuberculose mesenterica* etc.

A. — E tísica, professor, o que é?

P. — E' a mesma tuberculose.

A. — A tuberculose tem microbio, professor?

P. — Sim. Eil-o aqui augmentado milhares de vezes. Foi o professor allemão Koch, que, em 1882, o descobriu; por isso o bacillo da tísica recebeu o nome de seu descobridor — *bacillo de Koch*.

A. — Onde se encontra o microbio da tuberculose, professor?

P. — Encontra-se em todos os escárros dos doentes dessa molestia, nos pulmões, articulações, ossos etc.

O bacillo de Kock multiplica-se com prodigiosa rapidez e destroe os tecidos do organismo por elle atacado.

A. — De que modo a tuberculose *péga*, professor?

P. — Não se diz *péga*, meu pequeno; ella *se transmite*.

Adquirimos a tuberculose pelos pulmões, respirando o ar que contém os microbios; pela boca, bebendo o leite de vaccas tuberculosas; comendo-se, sem exame, certas partes dos intestinos de animaes, como figado, rins, moelas etc.; e finalmente pela via cutanea. Os microbios, uma vez penetrados no organismo, se desenvolvem si o encontram fraco pela insufficiencia ou abuso de alimentação, vida anti-hygienica, noitadas, alcoolismo e outras circumstancias. Por isso vocês precisam não fazer extravagancias; dormir e acordar cedo; não abusar dos alimentos e do alcool; praticar os esportes, mas sem exagero; cuidar emfim muito da saude do corpo, porque assim fazendo, os microbios da tuberculose não se desenvolverão em seu organismo.

A. — Como poderemos evitar a tuberculose, professor?

P. — Precisamos, como já expliquei, não descuidar da nossa saude e tomar todas as precauções hygienicas aconselhadas pelo Serviço Sanitario. Devemos evitar: as agglomerações de pessoas em lugar pouco espaçoso e mal arejado; as casernas, casas de jógos e outros pontos onde o ar está sempre

viciado; a syphilis, a escrofula, o alcool, a habitação insalubre, o trabalho excessivo, o esporte mal praticado, a falta de cuidado no tratamento de defluxos, gripes, bronchites e outras molestias. A tuberculose, meus amiguinhos, ataca mais geralmente as pessoas de 20 a 25 annos e ás vezes desenvolve-se com tanta rapidez, que mata em poucos dias. Essa especie chama-se *galo-pante*. Os doentes não devem escarrar no chão; as suas roupas devem sêr fervidas; a casa sempre muito arejada, limpa e desinfectada.

A. — O tuberculoso não póde sarar, professor?

P. — Infelizmente até hoje ainda se não descobriu um remédio efficaz. Para que a pessoa atacada pela tuberculose possa viver muitos annos ainda, será preciso abster-se de qualquer trabalho e viver no campo, perto de montanhas, em casas ventiladas; devem sêr bem alimentadas, usando de preferencia para o seu alimento óvos, legumes, cereaes, carnes crúas e assadas, leite e gorduras.

Em nosso Estado temos diversos logares, como Cunha, S. José dos Campos e Campos do Jordão, onde os tuberculosos poderão encontrar si não a cura completa, ao menos um grande allivio ao seu terrivel mal.

Tenham muito cuidado com a sua saude, meus meninos. Evitem as doenças, os vicios etc., porque elles enfraquecem o organismo expondo-o á terrivel tuberculose. Em outras aulas trataremos de molestias tão perigosas como a tuberculose.

ZOOLOGIA

CLASSIFICAÇÃO DOS ANIMAES EM VERTEBRADOS E INVERTEBRADOS

Este ensino deve sêr dado de modo a iniciar entre os alumnos o methodo experimental e a desenvolver nelles o espirito de observação. As noções puramente anatomicas e histologicas serão reduzidas ao minimo.

Professor. — Que é que está attraindo a attenção, a vocês, ahí perto do armario?

Alumno. — E' uma borboleta que vemos pousada aqui.

P. — Então; a borboleta vae sêr estudada, para vêr si agora, como lição, ella será tão interessante. Em primeiro lugar, quero que Roberto me diga como sabe que esse animalzinho é uma borboleta?

A. — E' pela sua fôrma.

P. — Sim: todas as borboletas, comquanto não sejam eguaes, parecem-se muito.

A. — São como nós meninos. Não somos eguaes de feições, mas somos todos meninos.

P. — E você, Renato, se parece com uma borboleta?

A. — Nem um pouco!

P. — Ora, veja bem: alguma coisa você tem egual. Que será?

A. — (?)

P. — Tanto você como a borboleta são animaes: nascem crescem, vivem, pôdem mudar de lugar e morrem. Vejamos agora as differenças que ha entre você e a borboleta.

A. — Eu sou muito maior que a borboleta.

P. — Apalpe o seu corpo e o da borboleta.

A. — Eu tenho ossos e a borboleta não os tem.

P. — Essa é a principal differença. Nós e um grande numero de animaes que conhecemos, somos *vertebrados*. Mencione, Raul, o nome de seis animaes vertebrados.

A. — O leão, o rato, a onça, a gallinha, a cobra, o gato são vertebrados.

P. — Outros animaes, cujo numero é muitissimo elevado, mas que não nos attraem tanto a attenção por serem menores — são chamados *invertebrados*.

A. — São animaes invertebrados: a mosca, a pulga, o camarão, a ostra, o pernilongo, a formiga etc.

P. — Os vertebrados são dotados dum esqueleto interno, cujo eixo, a columna vertebral, é formado de peças superpostas, chamadas *vertebras*.

Passe a mão aqui nas costas de Ricardo, que é bem magrinho, e veja si póde achar bem as vertebraes.

A. — São estes ossinhos?

P. — Justamente. Veja agora si acha vertebraes na borboleta.

A. — A borboleta não tem ossos, não póde ter vertebraes.

P. — Todo o animal que tem ossos, tem columna vertebral. Pódem faltar outros ossos, mas as vertebraes sempre ha.

A. — E' só essa differença que ha entre vertebrados e invertebrados?

P. — Essa é a mais importante. Ha todavia outras. Nos vertebrados o systema nervoso é muito mais desenvolvido, ao passo que nos invertebrados não o é. O sangue dos vertebrados é vermelho, ao passo que o dos invertebrados não contém globulos vermelhos, mas sim uma substancia corante que se encontra dissolvida no plasma.

Os vertebrados não sómente são animaes maiores, como tambem os mais homogeneos e os mais perfeitos.

EDUCAÇÃO CIVICA

O PAVILHÃO NACIONAL

Todas as lições, na aula primaria, devem sêr intuitivas e partir sempre do que as crianças já conhecem para o desconhecido. Assim, a professora deve, antes de iniciar os seus trabalhos, ter com antecedencia preparado a sua aula-modelo. Em classe, a aula não passará duma palestra com as alumnas tendo sempre deante destas o objecto da lição. Com o que disserem as meninas auxiliadas pela professora, que deverá ser infatigavel em aproveitar tudo o que houver de bom e corrigir sempre as falhas que observar, chegar-se-á, com optimos resultados, ao fim desejado.

Professora. — Que está você vendo aqui, Luiza?

Alumna. — Vejo uma bonita bandeira.

P. — Exactamente. Você não póde substituir a palavra *bandeira* por outra, Sarah?

A. — (?)

P. — Qual é o titulo do hymno que cantamos todos os dias, ao iniciarmos os nossos trabalhos escolares?

A. — Ah! ... Agora eu sei, professora.

P. — Substitua, então, a palavra *bandeira*.

A. — Posso substituir por *pavilhão*.

P. — Muito bem. De quantas côres é formado este pavilhão, Fernanda?

A. — E' formado de *tres côres*.

P. — Fernanda disse que é formado de *tres côres*. Prestem atenção. (Mostra as côres.)

A. — (Todas dão signal, com ansiedade, porém, a professora deve chamar a que estiver mais distrahida, ou então, a que se conservar mais quieta.)

P. — Você, mesma, Fernanda, diga quantas são as côres.

A. — As côres são quatro.

P. — Quem é capaz de me dar os nomes das quatro côres?

A. — Eu, professora.

P. — Quem vai responder é a Clelia, porque deu signal que sabe. E' bastante erguer a mão e eu sei as alumnas que sabem e querem responder.

A. — Verde, amarella, azul e branca.

P. — Que deseja você, Zilpa, que ainda está com a mão erguida?

A. — Estou notando que essas côres ficaram bem *ornadas*.

P. — Você está notando que ellas ficaram bem *combinadas*, não é isso? Noutra lição irão aprender o que cada uma dellas representa e melhor apreciarão esse conjunto de côres tão vivas e tão bellas.

P. — Que é, Dulce?

A. — Eu tenho visto um pavilhão maior do que esse, porém, com as mesmas côres, na *ponta dum pau*, aqui na frente do Grupo e lá na *Collectoria* ...

P. — Não se diz *na ponta dum pau*. Vamos vêr si alguma de vocês sabe. Você, Helia.

A. — (?)

P. — Diz-se *basteado*.

A. — Então, aquelle pau direito, pintado com uma lista verde e outra amarella, chama-se *haste*?

P. — Perfeitamente; prestem attenção como se escreve essa palavra. (Vae ao quadro-negro e escreve a palavra.)

P. — Dulce disse ha pouco que tem visto um pavilhão maior do que este, aqui na frente do Grupo e lá na Collectoria. Será só nos Grupos e nas Collectorias que hasteam este bello pavilhão, Olivia?

A. — Não, senhora; nas escolas isoladas, nos bancos, nos collegios, nas estações das estradas de ferro, nos hotéis, nos quartéis, em quasi todas as casas commerciaes e em muitas outras.

P. — Será que esses estabelecimentos que Olivia citou, hasteam todos os dias este bello pavilhão?

A. — Raramente vemol-o *sacudindo* com o vento.

P. — Não se diz *sacudindo* e sim — *tremulando* ao vento.

A. — Eu sei os dias em que elle é hasteado.

P. — Diga, então, Paula.

A. — Nos dias em que não ha aula.

P. — Ah! aos domingos, não-é?

A. — (Muito apressada.) Não: nos dias feriados.

P. — Exceptuando-se os domingos, ainda temos alguns dias no anno em que não ha aula, e estes dias são ... Julia?

A. — Os feriados.

P. — Isso mesmo. Nesses dias elle parece mais brilhante e as suas côres mais bellas ao lado de tantos outros pavilhões.

A. — Porque hasteam esse pavilhão nos dias-feriados?

P. — E' um aviso a todos os brasileiros e a todos os que habitam nosso paiz que, nesses dias, a nossa querida patria commemora um facto de grande importancia e que nós não o devemos esquecer.

A. — E' verdade; eu gosto das vesperas desses dias para ouvir a senhora contar-nos o motivo pelo qual vamos ter um feriado.

P. — Então, já sabe os feriados que temos por anno, Elza?

A. — Sei, sim, senhora.

P. — Diga-os, você mesma Elza, a começar de 1.º de janeiro.

A. — (Diz os feriados auxiliada por outras alumnas.)

P. — Muito bem; Elza já sabe quasi todos os feriados que temos por anno.

A. — Quando morreu o Dr. Ruy Barbosa, eu vi o pavilhão hasteado, mas no meio da haste.

P. — Sim; estava hasteado a *meio pau*; é como se diz.

Quando o pavilhão assim fica hasteado, indica que a nossa Patria está de luto; que perdeu um dos seus filhos amados, como vocês viram, quando morreu Ruy Barbosa, uma das glórias do Brasil.

A. — Quem determina que o pavilhão seja hasteado a meio pau?

P. — O presidente da Republica...

A. — Eu sei quem é o actual presidente da Republica.

P. — Quem é, Rosa?

A. — E' o Dr. Arthur Bernardes.

P. — Bravo!... Você ainda não se esqueceu duma das nossas primeiras lições...

A. — (Rosa.) É sei o nome de todos os outros presidentes que vieram antes do Dr. Arthur Bernardes.

P. — Estou satisfeita. Mais uma pergunta: eu desejava saber o que vocês fazem nos feriados. Quem quer me dizer? Diga, Rosalia.

A. — Às vezes, passamos o feriado em casa; outras vezes vamos visitar nossas amiguinhas; outras occasiões fazemos passeios pelos campos, arrabaldes etc.

P. — E' assim mesmo que devem proceder. Os feriados são dias para descanso, em que as familias devem passar juntas, em doce união em suas proprias casas ou em passeios.

Bem. Já conversámos bastante. Na proxima aula continuaremos o assumpto sobre este mesmo pavilhão.



PEDOLOGIA

A IMAGINAÇÃO E SUAS VARIEDADES NA CRIANÇA

(F. QUEIRAT. — Trad.)

CAPITULO IV

O TYPO VISUAL

(*Continuação*)

Compreende-se que com uma tal organização da memoria visual, a *imaginação activa* possa attingir, nos que são bem dotados, um grau de poder admiravel. Que riqueza de materiaes, com effeito, proprios a commover-lhes a sensibilidade e a provocar a inspiração!

E' porque "os poetas, os pintores, os escultores que o genio roçou com suas azas, perceberam deante de si, após meditações prolongadas, a fórmula do ideal que haviam sonhado. A historia attesta que esta fórmula era visivel *aos olhos de seu espirito*, para nos servir da expressão pitoresca de Shakespeare. Assim, "Raphael via deante de si, segundo uma passagem de Abercombie, o quadro da *Transfiguração*, no momento de pintal-o. Numa das cartas a seu amigo Castiglione, diz que a impossibilidade de achar modelos que pudessem copiar, forçava-o a tomar no proprio espirito o typo de suas creações. Lemos algures que Miguel Angelo ficava dias inteiros a olhar para o espaço, onde via reflectir-se a imagem de sua gigantesca cupula.

O celebre pintor inglez Martin via, dizem, de antemão e como si fôsse uma verdadeira allucinação, os quadros dos quaes apenas meditava o plano e a composição. Conta-se que um dia uma pessoa tendo-se collocado entre elle e o ponto em que se

desenhava sua visão, pediu a essa pessoa que mudasse de lugar, porque lhe escondia uma parte do quadro a reproduzir.” (Barllarger.)

A proposito do mesmo romancista de que constatámos com Th. Gautier a intensa memoria visual, M. Taine escreve: “Embraga-se com seu trabalho, enche sua imaginação, fica assombrado com suas personagens, torna-se quasi possesso, e ellas chegam a agir, soffrer nelle, *tão presentes*, tão poderosas, que se desenvolvem por si mesmas com a independencia e a necessidade de sêres reaes. Despertado, fica como meio mergulhado em seu sonho.” Do mesmo modo, “os heroes de Dickens, como sabemos, lhe faziam o effeito de pessoas reaes e embora acabasse o romance, os vultos e factos o assaltavam ainda.” (James Sully.)

Emfim, embora de especie bem differente, o caso seguinte não é menos significativo: Talma, entrando em scena “tinha o poder, pela força de sua vontade, de fazer desaparecer as vestes de seu brilhante e numeroso auditorio, e substituil-as por esqueletos. Quando sua imaginação acabava de encher a sala com estes singulares espectadores, a emoção que experimentava dava a seu papel uma força tal, que não raro conseguia os mais sorprendentes effeitos.” (Brierre de Boismont.)

(Continúa.)

EVOLUÇÃO PSYCHICA DA CRIANÇA

(HENRI BOUQUET. — Trad.)

2. — O OUVIDO

(Continuação)

Extendemo-nos um pouco sobre o nascimento e o desenvolvimento da visão, porque é um dos sentidos da criança mais commumente analysado, e sua complexidade e o interesse que a elle se ligam pôdem fazel-o o typo da evolução sensorial.

Seremos breves tratando dos outros sentidos.

Vimos que o recém-nascido era cego; elle é igualmente surdo. Preyer fez notar, com justa razão, que ha nisto uma causa physiologica normal: é o tempo que deve levar o apparelho auricular a se encher do ar necessario á transmissão dos sons. Mas esta causa cessa com uma grande rapidez e a surdez do recém-nascido persiste muito além.

Desde os primeiros dias, entretanto, a criança reage ás impressões sonoras, vigorosas, e como lhe são desagradaveis, reage seguindo um reflexo identico ao defensivo do apparelho visual, isto é, pelo fechar dos olhos. E' preciso que a impressão seja não sómente forte, mas brusca, porque um som progressivamente crescente até se tornar violento não occasionaria esse reflexo. No quarto ou no quinto dia a surdez desaparece completamente. Desde esse momento poder-se-á seguir a evolução do ouvido como se segue a da visão e fazer notas analogas para os dois apparellhos sensoriaes, a saber, que as primeiras impressões percebidas são as mais vigorosas e que esta percepção segue uma escala decrescente até aos mais suaves e delicados sons que são os ultimos a impressionar esse apparelho.

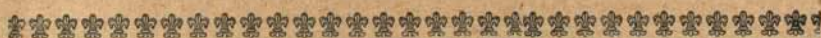
A qualidade do som faz numa criança pouca impressão. Ella é, durante longos mezes, absolutamente indifferente a um som mais ou menos musical, e não exprime maior prazer em ouvir um accorde perfeito e justo, ou o ruido duma dissonancia.

Não é menos verdade que desde as primeiras semanas, a criança é sensivel ao canto, porém é certo que o ruido a interessa mais e além disso o rythmo entra em grande parte no encanto que lhe proporcionam os sons ouvidos. Os factos quotidianos observados de crianças consoladas pelo canto bem rythmado como uma marcha, ou adormecidas pelo movimento cadenciado duma barcarola, são bem caracteristicos.

O gosto precoce de certas crianças pela musica considerada tanto quando possivel um ruido agradável e harmonico, revela anomalias mais ou menos pronunciadas que, levadas ao excesso, dão as crianças-prodigios.

(Continúa.)





A. Oliveira

LIÇÕES DE COISAS

O GIZ

Alumno. — Como este giz arranha o quadro-negro! . . .

Professor. — Talvez seja um pedacinho de concha que nelle tivesse ficado.

A. — E como foi a concha entrar no giz?

A. — O giz é feito de conchas?

P. — O giz, com que escrevemos diariamente no quadro-negro, não passa de restos de pequeninos animaes, que habitaram os mares.

A. — E como é que o giz não tem fórma de animal?

P. — Esses animaes desapareceram ha muito, muito tempo, mas o *carbonato de cal* de suas conchas, o giz, não se alterou através de todo esse tempo.

A. — Então, o giz é cal?

P. — Cal, propriamente, não, mas é uma substancia calcarea, cuja base é cal. Deitando-se vinagre ou qualquer outro acido no giz, nas conchas, no marmore, elles todos serão corroídos, gastos, pelo acido.

A. — Mas, o senhor não acabou de contar como é que o giz é formado.

P. — A' medida que os animaes morriam, iam caindo no fundo do mar, ás vezes, formando depositos bem grandes. Isto continuou, sem duvida, por milhares de annos.

A. — Quanto tempo!

A. — Quando usamos o giz, não imaginamos que elle seja tão velho!

P. — Velho, mesmo! Mas, comparado com as rochas formadas, mesmo no fundo dos mares, não é tão velho; formou-se rapidamente.

A. — Tiram o giz do fundo do mar?

P. — Não. Este giz, como muitos outros calcareos, fórma immensas montanhas em logares donde o mar recuou. A's vezes o giz apresenta-se coberto por uma camada doutros terrenos, precisando-se cavar até 300 metros para se chegar a elle.

A. — E em que paizes ha giz?

P. — A França e a Inglaterra fornecem quasi todo o giz que consumimos.

A. — E é só usado para com elle se escrever no quadro-negro?

P. — Delle se utilizam tambem os alfaiates; com elle se fabricam as tintas chamadas *o branco de Hespanha* e *o branco de Meudon*. Nalgumas localidades onde é abundante, o giz é empregado para construcções.

O giz tem ainda outras utilidades de que falaremos na proxima lição.

O BAMBÚ

Professor. — Que aconteceu no seu dedo, Alvaro?

Alumno. — Cortei-o com bambú.

A. — Então, bambú corta?

P. — Corta, sim, tanto que ha logares em que as facas são feitas de bambú.

A. — Que coisa interessante!

A. — Como são ellas feitas?

P. — São feitas a mão ou em machinas, tendo o cabo e a lamina numa só peça. São muito, usadas para cortar papel.

Mas, não é só para facas que o bambú é aproveitado. Para que mais servirá elle? Quem póde me dizer?

A. — Eu estava fazendo de bambú a armação dum *papa-gaio*, quando cortei o dedo.

P. — Para que mais serve?

A. — Serve tambem para cercas.

A. — Ahi pelo interior vêem-se muitas paredes feitas de bambú. Os vãos são tapados com barro.

P. — A sua resistencia e a propriedade de sêr leve tornam o bambú muito usado. Delle se fazem ripas...

A. — Eu já vi mobílias de bambú.

P. — Das fibras do bambú tambem se fabrica papel.

A. — Do bambú grosso fazem-se bons vasos para flôres, não, professor?

P. — Não só vasos, como até utensílios de cozinha.

A. — Para quanta coisa serve o bambú!

A. — Ainda é usado para gaiolas.

A. — Um bambú fino dá boa vara de pescar.

P. — E' tambem usado nas rêdes e barcos de pescadores.

Mas, o que é melhor ainda, é que serve para se comer!

A. — Então come-se bambú?!

P. — Na China, Japão etc., comem-se os brotinhos do bambú. A's vezes esses rebentos são postos em conserva de vinagre; outras vezes são cozidos e comidos com arroz.

Eu ainda não provei brotos de bambú, mas dizem que têm gosto de palmito.

A. — Então, devem sêr gostosos!

P. — Com certeza... Não conhecem alguns objectos feitos de bambú?

A. — Eu conheço: balaies, cestas, cestos, jacás etc.

P. — Muito bem. O bambú cortado em laminas delgadas, serve para o fabrico de numerosos objectos, pois essas laminas se prestam muito para serem tecidas.

A CANFORA

Alumno. — Que cheiro de canfora! A senhora não sente?

A. — Mamãe pôz canfora no meu sobretudo, quando esteve guardado, para as traças não o picarem.

A. — Eu não sabia que a canfora era usada para proteger a roupa contra as traças!

A. — Vou dizer a mamãe. Ella usa naphthalina; que tem um cheirinho desagradavel.

A. — Lá em casa usamos canfora para dôr de cabeça.

A. — E lá em casa, para picadas de insectos.

Professora. — Muito bem! Gostei muito das suas observações...

A canfora tem propriedades therapeuticas aproveitadas pela medicina. Recentemente, a canfora tem sido muito usada na fabricação da celluloides.

A. — *Celluloides*?!

P. — Sim; a celluloides é uma substancia de que fabricam pentes, collarinhos, bonecas etc., etc.

A. — Os objectos de celluloides têm mesmo um cheirinho de canfora.

P. — Arthur, vá ao nosso armario e, no nosso deposito, veja si acha um pedaço de canfora, que deve haver lá.

A. — Aqui está. Conheci logo pelo cheiro.

P. — Tem mesmo um cheiro que não se pôde confundir com outro qualquer. Vejamos, Carlos, que outras qualidades tem a canfora?

A. — E' sólida.

A. — E' opaca.

P. — Quasi translucida, não é?

A. — E' crystallina.

P. — Próve, Paulo.

A. — E' amarga.

P. — Pegue, Pedro.

A. — Parece que tem oleo; é oleosa.

P. — (Põe canfora num pires e chega-lhe fogo.) Vejam.

A. — Queima.

A. — Que chamma clara!

P. — Sim; é inflammavel. Vejam os vapores que se desprendem.

A. — Agora, temos canfora no estado gazoso.

P. — (Pondo canfora no alcool.) E liquido tambem.

A. — No que a senhora está mergulhando a canfora?

P. — Isto é alcool. A canfora dissolve-se completamente no alcool, mas não immediatamente. (Raspa com uma faca uns pedacinhos de canfora pondo-os numa vasilha com agua.)

A. — Que engraçado!

A. — Como os pedacinhos nadam sobre a agua!

P. — Porque será, José?

A. — Porque são mais leves que a agua.

A. — A canfora é um mineral, não é, professora?

P. — Não: é um producto vegetal.

A. — E nós dizemos *pedra de canfora*!

A. — Que parte do vegetal dá a canfora?

P. — E' extrahida do tronco.

A. — Então, vem duma árvore?

P. — Sim. O canforeiro, ou arvore da canfora, é encontrado no Oriente, na China, Japão, Java, Sumatra e Bornéo. E' uma especie de loureiro, que cresce a mais de 15 metros de altura. (Mostrando a estampa.) As folhas, lanceoladas, têm bordos lisos.

A. — As flôres são pequeninas.

P. — São brancas e têm seis petalas.

A. — E como é que preparam a canfora?

P. — Nalguns logares, a canfora é encontrada *crystallizada* nas fendas e nós das arvores. Na China, a arvore é cortada e reduzida a cavacos, que são postos de molho na agua, durante uns dois dias. Depois, esses cavacos são fervidos e mexidos até que produzem uma espécie de geleia branca. Esta é despejada em vasilhas, onde depois dalgumas horas, fórma uma massa.

A. — Está prompta?

P. — Depois, tudo é purificado. Pelo calor, o producto é transformado em vapor e em seguida, condensado e *crystallizado*; está prompto para a exportação.



O LAPIS

Professor. — Antonio, empreste-me seu lapis, para nós o estudarmos.

Quantas partes você nota neste lapis?

Alumno. — Duas: uma parte de chumbo, com que se escreve e outra de madeira que lhe serve de cabo.

P. — Nestes lapis, erradamente chamados de *chumbo*, não ha chumbo nenhum.

A parte que escreve é de carvão, isto é, carvão ligado a um pouco de ferro.

A. — E que nome tem esse composto?

P. — Chama-se *plombagina*, ou melhor, *graphite*.

A. — A *graphite* é fabricada, ou é encontrada na terra?

P. — Encontra-se a *graphite* em veios, nas rochas profundas.

A. — Então, em minas?

P. — Sim. A sua extracção faz-se por meio de poços abertos a pique, e galerias em communicação com esses poços.

A. — E como é que fazem para ficar esse pedaço fininho e da mesma grossura?

P. — Ahi é que está a differença na qualidade dos lapis. Os melhores lapis são feitos da *graphite* cujos pedaços foram serrados em comprimento e diametro certos. Com os pedacinhos que ficam misturados com argilla e gomme fazem-se os lapis mais ordinarios.

A. — E a parte de madeira?

P. — E' feita semelhantemente ás canetas, quasi sempre tendo a fórma cylindrica.

A. — Este meu não é cylindrico.

P. — O seu é hexagonal.

A madeira de que são fabricados os lapis deve sêr leve e molle, facil de cortar.

A. — Para se poder apara-l-os com facilidade, não é?

P. — Justamente. Alguns lapis mais ordinarios têm a madeira em duas metades juxtapostas; outros a têm torneada e perfurada, para se introduzir no orificio o fiozinho de *graphite*.

A. — E por fóra o lapis leva verniz, não é?

P. — Quasi sempre é envernizado de preto.

Leia o que está escrito no seu lapis, Armando.

A. — *A. W. Faber, n.º 2.*

P. — Essa fabrica, que fica na Baviera, é a mais conhecida.

Seus lapis correm mundo, sendo usados por crianças, moços e velhos, em todos os paizes.

O CIMENTO

Professor. — Todos attentos! Quem sabe me dizer quaes os materiaes que se empregam na construcção duma casa?

Alumno. — Tijolos.

A. — Telhas.

A. — Madeiras.

A. — Ferro.

A. — Cimento.

A. — Areia.

A. — Terra.

A. — Cal.

A. — Vidros.

A. — Tintas.

P. — E' bastante. Muito bem!

Muitos desses materiaes nós já estudámos, não é assim?

Hoje vamos estudar o *cimento*. Vocês já viram cimento?

A. — Já, sim, senhor.

P. — Elle é vendido em garrafas, não é assim, Rebouças?

A. — Não, senhor. O cimento vem dentro de barricas.

P. — Sim. E muito bem fechadas e alcatroadas, para não entrar a humidade, pois si o cimento se molhar, torna-se em . . . Quem sabe? Ninguém! Transforma-se em pedaços muito duros, tão duros como . . . que? Quem é capaz de me dizer?

A. — Duros como pedra.

P. — Perfeitamente . . . Então, si penetrar a humidade nas barricas de cimento, elle se *petrifica*, não é?

A. — Que quer dizer *petrifica*, professor?

P. — Ora, Carvalho, você não está prestando atenção! Quem sabe responder ao Carvalho?

A. — *Petrificar* quer dizer transformar-se em pedra.

P. — Muito bem. E' isso mesmo... Aprendeu agora, Carvalho? Seja mais attencioso, sim? Então *petrificar* é um verbo derivado da palavra... que palavra mesmo?

A. — Pedra.

P. — Exactamente. Mas, continuemos a nossa aula. O cimento é um corpo... *liquido*... De que vocês estão rindo? Então, o cimento não é liquido, Seixas?

A. — Não, senhor. Elle é um corpo sólido.

P. — E' isso mesmo. O cimento é um pó cinzento escuro, que depois de peneirado é posto em barricas bem fechadas, como vocês já aprenderam. Para que serve o cimento? Quem sabe?

A. — Para segurar os tijolos.

A. — Para construcção de escadas.

A. — Para construcção de tanques.

A. — Para cimentar terreiros, porões e paredes.

P. — Muito bem.

O cimento é um composto de residuos de rochas calcareas, areia e argilla. Ha diversas qualidades de cimento. Os mais conhecidos são: o *Portland*, inglez, composto de giz e areia dos rios *Tamisa* e *Medway*...

A. — Onde ficam esses rios, professor?

P. — Na Inglaterra. O cimento *Portland*, francez, fabricado em *Boulogne*, que é uma cidade da França, é superior ao inglez por sêr composto de calcareos e de giz quasi no estado nativo.

E' preciso vocês ainda saberem que as materias componentes do cimento são calcinadas, isto é, queimadas em fórnos, do mesmo modo que se faz para a fabricacção da cal, conforme eu já lhes ensinei. A côr obtida pela calcinação é fraca e amarello-escura, mas torna-se parda, mais ou menos clara, conforme a qualidade da materia empregada.

A. — Aqui no Brasil ha cimento?

P. — Em nosso paiz, meus meninos, seria facil a fabricação do cimento, visto que todos os seus elementos constitutivos encontram-se em abundancia em todos os Estados, e a instalação da fabrica não é dispendiosa.

Porque a sua mamãe, Costa, não deixa você tirar o calçado e pisar logo no chão cimentado?

A. — Porque o cimento é muito frio e póde causar diversas doenças.

P. — Perfeitamente. Na proxima aula verei quem prestou attenção ás minhas explicações.

O VERNIZ

Professor. — Porque será que a sua carteira está brilhando tanto, Sebastião? Parece até um espelho. E a do Soares, como está feia!

Alumno. — Minha carteira brilha, porque está envernizada e a do meu collega já não tem mais verniz.

P. — Você sabe o que é verniz, Fagundes?

A. — E' uma substancia que dá brilho aos corpos.

P. — Eu vou despejar um pouco de agua com gomma sobre a carteira do Soares. Veja como já está brilhando. Será então, isso, Verniz?

A. — Não sei, não, senhor.

P. — De modo que você não sabe bem o que é verniz. Conhece-o, mas não o sabe definir. Ouçam todos. E' verdade que o fim principal do verniz é dar brilho aos objectos em que é applicado; mas si fôsse só isso, a agua pura ou com substancias gommosas tambem seria um verniz, porque ella dá tambem brilho, como vocês viram ha pouco. Não o é, porém. O brilho da agua é produzido pelo effeito combinado da reflexão e refração dos raios solares, o que mais tarde vocês aprenderão. Elle desaparece com a evaporação do liquido. Vejam como a carteira do Soares já não brilha mais. Porque?

A. — Porque a agua seccou.

P. — Ou, como já disse, evaporou-se. Ficou a gomma; a carteira está ainda luzente, mas breve, pela acção do ar, das lavagens etc., perderá o resto do brilho. Então, como vocês viram, verniz não é só uma substancia que faz brilhar os objectos, como disse o Fagundes. E' um liquido composto de varias substancias como sejam: *oleo de linhaça, de nozes, de terebinthina, alcool, ether etc.*, que uma vez applicado sobre os corpos, adhere fortemente á sua superficie, formando ahi uma camada brilhante, lisa, sólida, transparente, inatacavel pela agua ou pelo ar, durante muito tempo.

Para que servirá o verniz? Quem sabe?

A. — Para envernizar carteiras.

A. — Para envernizar mesas.

A. — Armarios.

A. — Cadeiras.

A. — Vasos.

A. — Quadros.

A. — Couros.

P. — E' bastante. Quaes as côres de verniz, que vocês conhecem?

A. — Amarella.

A. — Preta.

A. — Vermelha.

A. — Branca.

P. — Antes de terminar a aula, vou lhes contar uma historia. Attenção, todos. O verniz, existe desde épocas immemoriaes, pelo menos na industria asiatica, que nos apresenta os seus magnificos *charões* antigos e nos fornece os seus objectos de *laca*, tão apreciados.

A. — Que é *laca*, professor?

P. — E' o verniz chinez, preto ou vermelho. E' tambem a tinta da fécula do pão Brasil, que, misturada com cochonilha, se applica na pintura. E' ainda uma substancia resinosa produzida em certas arvores pela picada dum insecto.

A. — E *charão* professor, que é?

P. — Muito bem, meus curiosos! Eu vou lhes explicar tudo. *Charão* é um verniz especial da China e do Japão. Os objectos

feitos delle recebem então o nome de charões; são bandejas, cofres, *bibelots* etc.

Continuemos a nossa historia. Hoje, na Europa, os productos envernizados pôdem competir sem receio com os asiaticos. Actualmente, no Brasil, o verniz fino e o ordinario já são applicados pelos nossos operarios, com bastante pericia.

Continuem quietinhos e estudiosos, que eu lhes ensinarei muitas coisas ainda sobre o verniz.

A ILLUMINAÇÃO

Professora. — Que pensariam vocês, que estiveram brincando no recreio de “*Dê-me um foguinho*,” si alguém realmente lhes chegasse á porta e pedisse fogo?

Alumno. — Havia de sêr engraçado!

P. — Pois é o que acontecia muitas vezes aos nossos antepassados. Si a isca estivesse humida, ou da pedra não sahisse fogo, era preciso ir pedil-o ao vizinho, na esperança de que elle tivesse deixado o seu fogo ardendo toda a noite.

A. — Como foi que os homens inventaram o fogo e a luz?

P. — Não se sabe bem ao certo. Consta que, em épocas mui remotas, os homens notaram que a madeira queimava quando cahia nalgum buraco onde houvesse lava incandescente, ou talvez vissem arvores incendiarem-se quando attingidas pelo raio. Aprenderam que a fricção de dois pedaços de madeira produzia fogo, e durante centenas de annos era como faziam o seu fogo. Depois veio o uso da isca.

A. — Os selvagens ainda fazem fogo assim?

P. — Certamente. Mas, como ia dizendo, os homens começaram a fazer fogo para aquecerem-se e para cozinhar.

A. — E para illuminação?

P. — Já vae saber. Notaram mais tarde que a resina de certas arvores fazia o fogo queimar melhor e durar mais tempo.

Inventaram as tochas e as vélas, rusticas a principio, mas aperfeiçoadas depois. Esta especie de illuminação foi usada durante seculos.

A. — Quando queriam sair á noite, tinham de conduzir a tocha?

P. — Sim . . . O esplendor todo dos palacios orientaes cessava á noite por falta de illuminação.

A. — Mas, hoje, felizmente, ha o gaz e a electricidade, não é, professora?

A. — O gaz é descoberta mais antiga do que a electricidade, não é?

P. — Sim. A sua descoberta foi um acaso.

A. — Conte-nos a historia!

P. — O gaz, como vocês sabem, é producto do carvão. Numa mina, na Inglaterra, o gaz costumava escapar. Um dia incendiou-se formando enorme labarêda.

A. — Como não haviam de se assustar os mineiros!

A. — Como foi que conseguiram apagal-o?

P. — Não apagaram. Construíram uma parede ao redor da chamma. Esta conservou-se por muito tempo, illuminando á noite as vizinhanças. Isto fez com que os homens se puzessem a pensar e a experimentar. De experiencia em experiencia, conseguiram o gaz de que hoje nos servimos.

A. — Para illuminação e como combustivel não é, professora?

A. — Perfeitamente, e isto pelo anno de 1700 e tantos. Desde a sua descoberta até hoje, o gaz tem sido muito aperfeiçoado. Muitos melhoramentos lhe têm sido introduzidos para tornar a luz melhor. O mais importante foi o gaz incandescente. Mas, appareceu mais tarde um poderoso rival do gaz.

A. — A luz electrica?

P. — Justamente. Muitos são os homens que têm contribuido para fazer chegar a luz electrica ao seu presente estado. Devemos a sua descoberta a Humphry Davy.

A. — Eu pensei que devíamos essa descoberta a Edison.

P. — A Edison devemos numerosas e maravilhosas applicações da descoberta de Davy. Isto tudo aconteceu em um seculo. Mesmo os reis do seculo anterior tiveram de servir-se de vélas e lampeões. Hoje todos podemos gozar dessas admiraveis invenções. Os homens conquistaram a escuridão.

A CERAMICA

Professor. — De que é feita aquella talha, Freitas?

Alumno. — De barro.

P. — Sim. E este moringue, Brito?

A. — Tambem é feito de barro.

P. — Perfeitamente. E os tijolos, e as telhas, de que são feitos, Demosthenes?

A. — De barro tambem, professor.

P. — Muito bem. Como se chama a uma fabrica de tijolos, telhas etc., Marques?

A. — (?)

P. — Ninguém sabe?

A. — Não é *olaria*, professor?

P. — Justamente. E os homens que trabalham numa olaria, chamam-se . . . o que, Pereira?

A. — (?)

P. — Eu digo: *oleiros*.

P. — Quem é capaz de me dizer como se denomina a arte de fabricar objectos de barro diversos?

A. — (?)

P. — Ninguém sabe? Ouçam, então: chama-se *ceramica*.

Além de tijolos, telhas, pótes, talhas e moringues, podemos ainda fabricar, numa officina de ceramica, objectos finos de fantasia; de louça, porcellana, argilla; com pinturas, esmaltes e desenhos.

Qual a materia que se emprega na ceramica, Orlando?

A. — Não será o barro, professor?

P. — Sim: o barro, ou melhor, a argilla.

Ha diversas especies de argillas. Nellas incluimos o *kaolim*, que se reduz a um pó muito branco. Tambem são utilizadas outras materias como o *quartzo*, o *silex* e as terras cozidas, que servem para tijolos e telhas; o giz, o sulfato e phosphato de cal etc., que não deixam quebrar os objectos fabricados quando são levados ao forno para a seccagem.

Quantas especies de tijolos você conhece, Braga?

A. — Os tijolos prensados, furados e os communs.

P. — Sim. E telhas, Carneiro?

A. — A telha commun e a franceza.

P. — Muito bem. Mais tarde trataremos aqui da fabricação de tijolos, telhas, pótes, talhas etc. Hoje só tratámos da ceramica, em geral.

O ARCO-IRIS

Alumno. — Que belleza de arco-iris! De certo não chove mais.

A. — Que será o arco-iris? Parece que alguém pintou todas aquellas côres!

Professora. — Em primeiro logar, quero que me digam quando é que vemos o arco-iris?

A. — Quasi sempre quando sae o sol, logo depois da chuva, como ainda agora aconteceu.

P. — Vocês vão ficar admirados de saber que o arco-iris é produzido pelas gotas de chuva.

A. — Mas, como? As gotas de chuva são agua e a agua é branca!

P. — A agua é incolor. O arco-iris é devido á reflexão do sol através das gotas oriundas duma nuvem que se desfaz em chuva.

A' medida que a luz do sol atravessa as gotas, ella ahi é reflectida no interior das mesmas gotas e dividida em partes correspondentes a varias côres.

Que côres vê você, Arthur, naquelle arco-iris?

A. — Olhe, depressa, que vae desaparecer!

A. — *Roxa, anilada, azul, verde, amarella, alaranjada e vermelha.*

A. — Sete côres!

P. — As ondas de luz correspondentes a essas côres differem em tamanho, conforme a refração que soffrem ao atravessar uma coisa tão insignificante como seja uma gotinha de chuva.

A. — E' por isso que vemos mais uma côr que outras, não é?

A. — Vemos muito mais a côr roxa.

A. — Bastante a azul e verde.

A. — O alaranjado é a faixa estreita.

A. — Então, a luz era branca ao entrar e sãe como uma faixa colorida?

P. — O que vemos no arco-iris é realmente uma imagem natural da luz solar — a luz espalhada, dividida em uma faixa de varias côres.

A. — E onde acaba o arco-iris?

A. — Parece tocar dum lado a outro do horizonte.

P. — Parece mesmo. Contam-se historias de crianças que têm partido á procura do fim do arco-iris.

A. — Uma vez me disseram que no fim do arco-iris estava enterrado um thesouro.

P. — Isso são historias! O arco-iris é simplesmente um phenomeno de optica devido a pequeninas gotas de agua de tal maneira collocadas, que reflectem aos nossos olhos a luz solar.

A CANETA

(Sobre a mesa diversas canetas.)

Professor. — Na ultima aula eu lhes ensinei muita coisa util referente á penna, e que vocês ignoravam. Falaremos hoje da companheira inseparavel, sem a qual a penna de nada vale. E' tambem um utensilio escolar, e como tal vocês precisam

conhecel-o bem, pois como já lhes disse, os alumnos são como os operarios; precisam conhecer as suas *ferramentas*, que são:

Alumno. — O livro.

P. — Muito bem. E o que mais? Fale quem quizer.

A. — O lapis.

A. — A penna.

A. — A caneta.

P. — E' bastante. E muitas outras coisas ainda, não é?

Qual será a companheira da penna? Quem sabe?

A. — A caneta.

P. — Muito bem. Quantas partes tem uma caneta, Luiz?

A. — (?)

P. — Não sabe? Ouçam todos, então. Ella consta de duas partes: o *porta-pennas* ou *bocal*, e o *cabo*. De que é feito o bocal? Quem sabe?

A. — De ferro.

P. — Sim. Faz-se tambem de aço ou de latão. Para o seu fabrico empregam-se os mesmos processos que os da fabricação das pennas. E o cabo, de que é feito? Pódem falar.

A. — De madeira.

A. — De osso.

A. — De ferro.

A. — De ouro.

A. — De prata.

A. — De marfim.

P. — Muito bem. E' bastante. Quando o cabo deve sêr feito de madeira, corta-se esta em pedacinhos, que são depois transformados em hastes cylindricas. Finalmente, pinta-se a madeira de varias côres. Assim nós temos canetas... de que côres?

A. — Azul.

A. — Verde.

A. — Amarella.

A. — Vermelha.

A. — Preta.

A. — Branca.

P. — Aqui mesmo, na sala, vocês poderão vêr canetas de varias côres e feitas de diversas substancias, não é assim?

Como se chama a uma caneta que trazemos no bolso e que já tem tinta em seu interior? Você, João, fale.

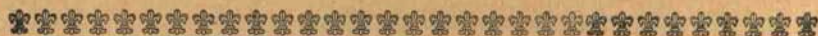
A. — Chama-se *caneta-tinteiro*.

P. — Perfeitamente. Nella ha um tubozinho para guardar a tinta e a penna; esta tem o bico de ouro, por sêr mais duravel. Quem já viu uma caneta-tinteiro?

A. — Eu, eu, eu!

P. — Muito bem. Vocês todos são mesmo muito espertos. Tudo vêem e tudo sabem. Veremos si na proxima aula saberão contar-me a historia da caneta.





QUESTÕES GERAES

PALESTRAS SOBRE ENSINO

(F. PARKER. — "Biblioth.
pedagogica", organizada por
A. Barreto e J. Stott.)

PALESTRA VI

ENSINO DE LEITURA. — O METHODO PHONETICO

Tratarei hoje do emprego da palavra falada como auxiliar dos actos de associação entre a idéa e a palavra escrita.

Affirmam educadores de nota que basta a palavra falada para lembrar a idéa que ella representa, e produzir um acto de associação com a palavra escrita; e que, como a idéa já existe no espirito da criança, aquella é sufficiente para recordal-a.

Si tivesses de aprender uma qualquer lingua estrangeira, o allemão, por exemplo, imaginae a facilidade e rapidez com que o conseguirieis, si adoptasseis o processo de nomear cada objecto á vossa vista e escrever-lhe o nome respectivo.

Não procedem mesmo doutro modo os melhores professores de linguas, quando as ensinam.

Ora, si nós, adultos, nos damos bem com um systema assim tão facil, porque não adoptal-o para as crianças no ensino da lingua maternã?

Quando se desenvolver o habito adquirido de aprender palavras faladas no ensino das escritas, isto é, depois que a criança conhecer cem ou mais palavras, bastarão ellas então para produzir os necessarios actos de associação.

Mas, deve cessar o seu emprego logo que a criança não mais necessite do estimulo dos objectos, momento este que não passará despercebido ao bom professor.

A palavra falada auxilia, pois, a recordação da idéa, ao mesmo passo que nomeia a palavra escrita, com a qual se associa, assim como esta também recordará aquella.

Sem o auxilio da palavra falada conseguem os surdos-mudos aprender a palavra escrita, e é um facto já verificado que, apenas com o auxilio de objectos, transmittem logo, por escrito, os seus pensamentos e impressões, com tanta ou mais rapidez que as crianças que possuem ouvido perfeito.

A palavra falada é, não obstante, imprescindivel no ensino da leitura.

O que acontece ás vezes é sêr ella mal empregada, o que se dá todas as vezes que é unicamente associada á palavra escrita, sem que esta o seja com a idéa.

Nesta hypothese, a leitura não produz pensamentos; torna-se uma méra pronunciação de sons, vãos de idéas.

Ha processos de leitura, notadamente a soletração, cujo objectivo principal é exercitar as crianças a lerem apenas, sem a minima consideração pelo pensamento.

Ao observador leigo poderão parecer sorprendentes os resultados que elle produz; mas para o verdadeiro educador tal processo representa apenas a resonancia de palavras ôcas.

O emprego da palavra exerce, pois, no ensino da leitura, a função de auxiliar dos actos de associação.

Qualquer outro fim que lhe seja dado é, positivamente, errado, e falseia por completo o seu verdadeiro destino educativo.

A questão que nos resta a delucidar é, pois, a seguinte:

Como se deverá empregar a palavra falada de accordo com o seu objectivo real?

A criança, antes de entrar para a escola, não sómente sabe pronunciar cada um dos sons elementares, como também combinal-os e reunil-os para proferir todas as palavras que conhece. E', pois, senhora já da palavra falada, que aprendeu como um todo, como um conjunto, sem prestar attenção aos sons elementares, de cuja articulação é aliás perfeitamente capaz, sem para tal denotar a minima hesitação.

Que é, de facto, a palavra falada?

Uma successão de ruidos e sons, pronunciados em uma, duas, tres ou mais emissões de voz, dependendo cada uma de certa posição especial dos órgãos vocaes.

Qualquer modificação feita na posição destes produz forçosamente uma modificação de som.

Aproveitando-se assim o conhecimento já adquirido pela criança, o que cumpre fazer é analysar phoneticamente os vocabulos, pronunciando-os de vagar, de modo que ella ouça, destacadamente, todas as suas partes constitutivas.

Analyse phonica não significa, porém, soletração: é sómente uma pronunciação vagarosa, o *langsamer aussprache* dos allemães, isto é, o acto de articular os sons com uma pausa sensivel entre cada dois delles.

Só as palavras faladas é que se devem analysar; as escritas, nunca.

O processo mental que associa um objecto a uma palavra oral, e uma letra a um som, é exactamente o mesmo que faz a palavra escrita recordar a idéa — é o processo da associação.

Aprendida a primeira palavra, deve sêr logo associada á representação graphica. Uma e outra se tornam sabidas.

O melhor meio de fixar no espirito infantil uma palavra escrita é, como já demonstrei, fazer a criança escrevel-a; e tambem, quando um vocabulo, por exemplo, *gato*, fôr ensinado e escrito, outros como *rato*, *pato*, que contêm tres quartas partes das suas letras, mais facilmente poderão ser aprendidos e escritos.

Dest'arte as fórmulas se irão gravando facilmente na memoria da criança que não mais terá aversão pelo ensino das palavras, nem sentirá difficuldade no aprendel-as, além de se lhe tornarem mais faceis as associações successivas, e aquellas que se referem especialmente á palavra falada com a palavra escrita.

Como estas se vão tornando progressivamente mais claras, as suas partes elementares poderão sêr então associadas em syllabas e letras com os sons articulados, de maneira a diminuir as difficuldades dos actos de associação e serem conhecidas e pronunciadas, de primeira vista, novas palavras, sem auxilio de objectos.

Um perigo, porém, se apresenta então, que urge evitar-se: é o de aprenderem as crianças meramente a pronunciar as palavras sem lhes conhecer o sentido, a significação.

Neste caso a palavra não se pôde dizer sabida, que sómente o é, rigorosamente, quando recorda a idéa de que ella é a imagem.

Nunca vos olvideis desta verdade.

Dois grandes obstaculos existem, aliás, no ensino da analyse phonica, e bom é que os conheçaes.

Um, pôde dizer-se que é mais apparente que real, e consiste em ter uma mesma letra sons diversos.

Numa lingua rigorosamente phonica, que aliás não ha, cada som seria invariavelmente representado por uma determinada letra.

Si fôsse phonetica, a lingua ingleza muito facilitaria o ensino da leitura e da escrita.

Sem embargo, não são tão grandes, como geralmente se pensa, as difficuldades que apresenta. Um exame meticoloso demonstral-o-á.

Dei-me ao trabalho de contar e classificar as palavras das 39 paginas da "Nova Cartilha Franklin"; de todas as paginas da "Cartilha Monroe"; e das primeiras paginas do meu primeiro livro de leitura suplementar.

Eram 456 vocabulos, dos quaes, 205, puramente phoneticos; 216, de pronuncia indicada pela fórma respectiva; podendo-se qualificar os restantes, 35, de não phoneticos.

Aprendendo a criança este numero de vocabulos, tem já formado o habito fixo de lêr novas palavras, devendo, por isso, cessar todo o emprego activo do primitivo methodo.

Sendo assim, que necessidade haverá de sobrecarregal-a com palavras impressas, mutiladas ou torcidas, ou com signaes diacriticos?

A pronunciação de letras ou syllabas pôde sim empregar-se como um grande auxiliar, na primeira leitura, comtanto que se relegue para plano inferior o desenvolvimneto do poder mental da criança.

Quarto: — Fazer que as crianças pronunciem vagarosamente, sem qualquer nova sugestão, as palavras que escreverem na lousa.

Cumpridos estes preceitos, a analyse poderá sêr então empregada no ensino da leitura com grande exito.

Si seguides rigorosamente este processo, assim ordenado, observareis que a palavra falada não perde coisa alguma de sua unidade, e mais, que o caminho ficará naturalmente desbravado para a analyse cõscientemente, quando lhe fôr o momento opportuno, que será indicado espontaneamente pela propria criança.

Todas as palavras novas adquiridas, analogas em som ou não, poderão sêr, dahi em diante, adquiridas pela criança e associadas facilmente, sem auxilio do mestre, á respectiva idéa.

E' fundamentalmente necessario dar-lhe, o mais cedo possivel, a precisa independencia, e não infringir nenhuma lei da sua evolução mental.

INSTRUIR-SE PELA LEITURA

A leitura é a fórmula mais perigosa da preguiça.

O preguiçoso sente o remorso de sua inercia, mas si lê, pensa que trabalha, e sua preguiça então não tem remedio.

A paixão pela leitura pôde degenerar-se numa mania semelhante á fome canina.

Os nervosos lêem como rõem as unhas. Eil-os: o pensamento ausente, supportando irritados a presença da familia, abstractos na leitura. Fazem calar o remorso invocando a necessidade do trabalho e se enganam: — a paixão é engenhosa para justificar-se.

Estas leituras constituem a mais absoluta perda de tempo, e seria tão facil constatar que após algumas semanas nada ficou, nada, absolutamente. As leituras rapidas dissipam o espirito, debilitam a intelligencia, destróem a personalidade pelo

excesso da excitação desordenada. Não pôdem essas leituras sêr consideradas como trabalho.

Terrível é a perda de energia mental representada pela leitura excessiva de um dia! Muitos lêem 120 a 130 palavras por minuto, ou sejam 30.000 em quatro horas, 200 mil por semana! Que excesso para a vista! E todo este cansaço é nullo, perdido!

A leitura ao galope deprime o homem e o desgosta do trabalho. Uma idéa se apresenta, um sentimento desabrocha, mas nenhum desenvolvimento regular é possível, porque estes são afastados por outros que apparecem, e isto acontece na successão continua dos factos.

Que sentimos após a leitura apressada dum jornal, duma revista, dum romance mediocre, mas cheio de peripecias emocionantes? Um cansaço extraordinario, a respiração difficil, o corpo todo a protestar pelo seu mal-estar.

Dizem: "a memoria exige o superfluo para guardar o necessario." Aphorismo solemne que á reflexão não tem sentido. Para guardar o necessario, a memoria exige que este necessario seja organizado e repetido. A hygiene nos ensina que o jejum, de tempos a tempos, é salutar, indispensavel á saude; pois quanto ao espirito estende-se o jejum á leitura.

O modo pelo qual os estudantes lêem é digno de reparo. Devoram os livros e só descansam chegando á ultima linha da ultima pagina. Não param, não respiram sequer; não reflectem sobre uma phrase; ignoram o valor das idéas; não sabem notar uma impressão. Lêem como viajam os automobilistas — maniacos pela velocidade — queimando paginas!

*
**

Ha quatro especies principaes de leitura, conforme seus fins.

A leitura essencial é a da *formação profissional*. É por meio desta leitura que o estudante enriquece o espirito.

Segue-se a *leitura complementar*, destinada a esclarecer certos pontos, ou confrontar resultados obtidos, estudos já feitos.

Ha as *leituras edificantes* proprias a accrescentar á argilla docil de nossa vontade, de nossos sentimentos, a firmeza dos exemplos e a solidez da razão. Não se mistura carvão ao ferro para se obter o aço?

Finalmente, ha *leituras de distracção*.

I

Como é da maxima importancia não dividir energia, o bom methodo consiste em tomar um autor e seguil-o docilmente afim de obter um conjunto de idéas sólidas. Ninguém pôde sêr bom mestre sem ter sido alumno applicado; a enfermidade do espirito humano é tal que nada nos deve apressar a deixar a tutela dum espirito superior.

Si lêrdes como é preciso lêr, com uma expressão exacta, isto é, confrontando vossa experiencia com o pensamento exposto, pouco a pouco pensareis individualmente.

Todos somos como a criança que a mãe segura e ampara ao dar os primeiros passos. Pouco a pouco, ella se afasta e o pequeno anda sózinho. Não nos enganemos, todavia, sobre os serviços prestados por um livro; elle nada tria em nós. Si eu não souber o que é o *mar* ou uma *geleira*, nenhuma descrição substituirá a experiencia directa. O preguiçoso não comprehende a satisfacção proporcionada pelo trabalho. O egoista ignora que sacrificar seus gostos, seus prazeres por outrem possa constituir uma alegria.

Lêr passivamente é perder tempo.

Lêr bem, saber lêr, é comprehender ou procurar comprehender o pensamento do autor; é pensar tambem.

Lêr é affirmar ou negar uma existencia, uma semelhança, uma relação no tempo ou no espaço. As palavras, as proposições do livro não devem reter o pensamento do leitor; é preciso quebrar os ossos, attingir a medulla, ir até á realidade.

Não procuremos saber o que o autor pensou, mas si *o que elle pensou é verdade*.

Na guerra, o chefe deve adivinhar o que se esconde e não raro procurar offensiva energica para obrigar o grosso das

tropas a revelar-se. O espirito, mediante vigoroso esforço, deve atravessar a cortina das palavras e nunca ficar com uma impressão vaga a respeito duma proposição, duma pagina lida.

Uma citação é tão commoda para evitar um esforço qualquer. O estudo do encadeamento das idéas, da progressão logica do raciocinio, do valor das provas, exercita a energia do espirito, estimula o juizo, cria a necessidade de confrontar as idéas com a experiencia, a realidade. Adquire-se um vivo sentimento da prova.

Uma leitura feita com este vigor é um trabalho ao qual só se deve consagrar poucas horas por semana. São leituras escolhidas; para ellas, os melhores momentos de nossa energia.

II

Nunca devemos começar nosso estudo pelas leituras complementares. Sejam prudentes na escolha destes livros accessorios. Desprezemos os autores que escrevem muito, muito depressa, que inundam revistas e jornaes com paginas interminaveis. E' preciso evitar a leitura de autores sem personalidade que rebaixam até a Historia e levam a audacia a uma verdadeira mania de espionagem. O gosto pelo mesquinho é signal de pouco espirito.

III

Muito acima das leituras complementares, quasi parallelamente ás de formação profissional, estão as edificantes — que constituem a formação moral.

Ha livros edificantes que elevam, ennobrecem, são enfim verdadeiros e poderosos tonicos. Auxiliam a lançar os alicerces da vontade sólida mesmo no meio da corrente das paixões. Os livros tonicos destinados a sustentar boas resoluções, a fortificar sentimentos superiores não pódem e não devem sêr lidos rapidamente. São livros de meditação; devem cair gota a gota na alma. Nunca nos esqueçamos que tecemos fio a fio nosso futuro. Na fabrica de fiação um simples fio quebrado torna defeituosa uma peça de tecido. Cuidado com os fios partidos

da propria vida; conservarão eternamente a demonstração evidente de um segundo de loucura. Cuidemos dos fios de ouro que pôdem accrescentar ao tecido de nossa existencia um brilho duradouro, uma belleza imperecível.

Ha livros dos quaes devemos interdizer a leitura. Frequentar doentes desanimados e impacientes faz mal. Tenhamos cuidado de guardar intacta a vontade de viver e lancemos para longe, sem hesitar, os livros que nos desanimam ou nos persuadem que em outros tempos, outros logares, outras condições seríamos felizes. E' hoje, actualmente, neste logar, nesta cidade que corajosamente devo praticar meu dever e sêr feliz.

IV

Immenso é o numero dos romances que apparecem. A maior parte dos romancistas são antes de tudo negociantes; não têm tempo nem gosto pela verdade, pelo bello. Procuram apenas despertar sentimentos elementares; collocam os heroes e heroínas em situações perigosas donde outros heroes invulneraveis caçoando até das leis do universo operam prodigios, tudo conseguem e realizam. Esta literatura malsã pullula devido á necessidade da multidão que reclama livros excitantes.

Além disso, as leituras que interessam a curiosidade apresentam o perigo de nos immobilizar longas horas, forçando os globos oculares. Quasi sempre o leitor devora as paginas para saber como o heróe sairá dos lances que se succedem espantosamente.

Estas leituras representam na vida do estudante, do intellectual, o papel do alcool na vida do operario. E' um prazer semelhante ao fumar, beber, jogar. Perigo enorme, porque como todos os excitantes, estas leituras tornam-se tyrannas. Preenchem as horas que deveriam sêr consagradas a qualquer occupação propria ao descanso, occupação a que nos torna incapazes o nosso meio.

Afinal, nunca sentiríamos prazer nestas leituras frivolas, si gostassemos de nosso trabalho, si este fôsse o centro de nossa vida, si realizasse uma aventura sempre nova — consequencia logica, exacta da verdade!

Só aquelles para quem o trabalho é um fardo, um pesadelo, fogem de si mesmos e procuram o tabaco, o alcool, o cinema, o theatro, o romance policial e o futil.

Lembre-mos que os homens cultos, os sabios, pouco lêem, mas reflectem muito. Todos elles sabem que a leitura póde lhes sêr funesta, si lhes fizer perder o habito do esforço pessoal; sabem que a lei da humanidade se applica ainda e sempre.

“O pão da alma, do espirito, como o do corpo, só se ganha com o suor da fronte!”





LITERATURA INFANTIL

MONOLOGO

(PÓSTUMO)

Vejam só meu tamanho . . . A gente porque empaca
E não cresce, e não vence, em altura, a uma estaca?
Tivesse o meu condão e já seria um rei
Com lacaios, palácio e carruagem . . . nem sei!
E rodava, e rodava a flux por essas ruas,
Mais ancho que um Perú, impando as pennas suas.
— Mas, sêr rei?! Rei de que! Meu sonho nada vale;
E' melhor que não sonhe, é melhor que me cale!

Agora não vão rir . . . Si estraguei meu castello,
E' por sêr vagabundo e achar isso mais bello!
Viver sem profissão?! Gostosissima cousa,
Melhor que ir para a escola e riscar numa lousa!
Não vale sêr pequeno; ha sempre quem commande
A nossa pessoinha . . . Isto é o diabo! Ao almoço
A rosca que me dão não é a maior, a grande . . .
Si o biscouto recuso e exijo outro mais grosso,
— Bico já! e ô papae, compondo um ar de sabio,
Zanga, cruzando o dedo assim, sobre este labio.
E tenho de engulir, aos sorvos, o meu mate,
Rubro, maduro mais que um maduro tomate!
Si meu protesto é o beijo e, depois, os soluços,
Sei que canta a palmada . . . eu virado de bruços!

Mas, um dia, o papae, com maneiras bem sérias,
Tomando a minha mão — acabavam-se as férias —
Arrastou-me outra vez para os bancos da escola,
Arrumando-me o livro e uns papeis na sacola.

— Foi demais! Eu rebelde emfim ao novo estudo,
Fiz a conspiração de aborrecel-o em tudo.
E mal, ao dar-me o adeus e o costumado beijo,
Voltou papae a casa, estourou meu desejo:
Olhei, desafiando, o mestre e dei no banco
Um murro. Era uma injuria ao seu cabello branco!
O mestre, assim que ouviu o insólito barulho,
Teve um gesto de amor, teve um gesto de orgulho!
— Meu filho! proclamou, tu faltaste ao respeito
Que na escola ou na rua faz, do mundo inteiro,
Lindo paraíso em flôr, como um lar satisfeito!
Respeitar! da cartilha é o artigo primeiro.
Tens dez annos, emquanto eu pelos sessenta orço . . .
— Oh! mede essa distancia e escuta o teu remorso!
Si não fôsse um dever respeitar os mais velhos,
Como o mestre ditava as lições e os conselhos?!

Dentro em nós ha uma cousa occulta — a consciencia,
Que nos julga as acções, que as pesa e dá sciencia
A' alma de tudo. Heróe nos faz, faz-nos covarde,
Si somos generoso ou si o mal nos encarde!

.
E coavam-se da voz, voz de velho, a doçura,
A fé e a commoção, numa doce mistura!

Sentia, já de ouvil-o, os meus olhos vidrados . . .
Mal o pranto molhou-me as faces dos dois lados,
Dei um grito de dôr e atirei-me de joelhos,
Beijando ao mestre os pés . . . Beijou-me elle os cabellos,
Vendo o perdão brilhar nos meus labios vermelhos.
— Nunca mais tive, em vida, uns momentos tão bellos!

Desde então, nunca mais fiz um acto
Que lá no coração me suppuzesse ingrato.
De genio docil fui e, assim que me fiz homem,
Convenci-me afinal de que os sóes não consomem

O que o mestre lançou no coração humano;
De que a idéa ou noção apanhada com ansia
Toma, fragil que fôr, as proporções do oceano,
Accesa no azulado altar da nossa infancia:
Devassa á força o ignoto e penetra o mysterio!

— Sois, mestres, uns Briareus!

Tomae a escola a sério!

Que em vossa escola existe, estupenda officina,
Essa materia prima, o menino e a menina.
Ferreiros, forjae della — o vosso esforço é o malho —
Monumentos de amor e exemplos de trabalho!

ANTONIO PEIXOTO.

AMIGOS

Todos nós temos amigos, ou pelo menos pretendemos possuil-os. Serão verdadeiros? E' o difficil de assegurar.

Ha muitos annos reuniam-se, num grande salão dum luxuoso hotel, muitos senhores, convidados para um jantar.

Um jovem, rico, ambicioso, convidára-os para delles se despedir. Partia para terras longinquas. No momento de se separarem, ergueu-se e disse:

“Pensaes, meus amigos, que eu sou rico e vos enganaes. Possuo apenas o necessario para uma arriscada empreza. Como sou moço, tenho coragem bastante para tentar uma brilhante fortuna. Pretendo regressar nestes sete annos e convido-vos, desde já, para nos encontrarmos a esta mesma hora e neste mesmo lugar.

Si a fortuna me sorrir, offerecerei um mimo a cada um de vós; si ella me atraioar, meus amigos, pagareis então a minha sopa.

Acceitaes?”

Todos acceitaram; e como a noite se adeantava, despediram-se.

Os sete annos se passaram. Uma manhã, todos os amigos do viajante receberam um bilhete. "Parti pobre; regresso miseravel. Espero que me paguem a sopa, amanhã, ás 9 horas, no hotel.

Espero tambem que ninguem falte a essa reunião. Pretendo voltar, para tentar novamente a sorte."

Quem escrevia, de facto regressára, mas possuidor duma fortuna a causar inveja aos proprios millionarios. Queria apenas conhecer quem lhe era verdadeiro amigo.

Seu testamento estava feito, porque arruinára a saúde e sentia-se morrer.

A fortuna era legada aos amigos fieis, áquelles que se promptificaram a pagar-lhe a sopa.

O tabellião, a pedido do viajante, apresentou-se no salão do hotel, á hora marcada.

Appareceram os convidados?

Nenhum. Ninguem se apresentou.

No dia seguinte, o tabellião, chamado para junto do moribundo, teve que contar o succedido.

O viajante sorriu tristemente, e rasgando o testamento feito, exigiu que sua fortuna inteira beneficiasse os pobres e orphams da cidade onde nascera.

O VENTO E O SOL

Passando um dia pelos campos, o vento gabava-se da sua força, dizendo:

— "Sou mesmo muito forte. Ao meu sopro curvam-se plantas e animaes. Posso quebrar, sem grande esforço, galhos de arvores, e até arrancal-as pela raizes. Oh! sim, sou fortissimo! Quem ha mais poderoso do que eu?!"

Quando a sua ruidosa voz cessou, ouviu-se outra voz dizer:

— "Eu tambem sou forte. Talvez mais forte do que você."

— “Quem fala ahi?” esbravejou o vento.

— “Sou eu, o sol,” respondeu-lhe a voz.

— “Você, forte?! Você, com suas maneiras delicadas, com o seu sorriso eterno? Póde lá você mover moinhos, encapellar as ondas, curvar os reis da florestas?”

— “Eu sou forte,” repetiu o sol. “Posso conseguir muita coisa que você não póde... Vamos experimentar nossa força? Ali vem um viajante com um pesado capóte. Vejamos qual de nós é capaz de tirar-lhe o capóte. Concordemos de antemão que quem o conseguir é o mais forte.”

O vento assobiou, caçoando da facil tarefa, julgando que com um simples sopro, jogasse para longe a capa do viandante.

— “Você póde começar,” disse o sol.

Lá se foi o vento. Encontrou-se com o viajante no meio da estrada e começou a soprar. A capa ergueu-se um pouco, mas o dono apertou-a contra si. Quanto mais o vento soprava, mais o viajante segurava a capa e melhor se enrolava nella.

— “Quem diria que hoje ventasse tanto!” disse o homem seguindo o seu caminho.

O vento continuou inutilmente a sua tentativa por algum tempo, e estava mais que prompto para parar, quando o sol reclamou que era a sua vez.

— “Não vejo como você poderá conseguir alguma coisa,” disse o vento, “pois os meus puxões e as minhas violentas chicotadas só o fizeram segurar com mais força a capa.”

— “Eu tenciono usar outros meios. Não me servirei da violencia.”

E o sol pôz-se a sorrir.

Não se ouvia som algum. Silenciosa, calma, mas firmemente, pôz-se o sol a brilhar.

Tendo cessado o vento, o viajante, que estivera empregando todo o seu esforço em segurar a capa, poud caminhar com facilidade. Apressou o passo para recuperar o tempo perdido.

E o sol silencioso, calmo, mas firmemente, continuava a brilhar.

O viajante começou a sentir o peso do agasalho e abriu ..
Finalmente, disse elle: "Ha pouco, precisei aconche-
gar a capa fortemente, e agora não posso atural-a." E, assim fa-
lando, tirou-a e sentou-se á sombra duma arvore, para refres-
car-se.

O vento observou tudo e reconheceu que o sol era real-
mente mais poderoso e fazia jús ao titulo de *forte*, pois sem
rumor, sem furia, tinha conseguido o que queria.

O SACY-PERERÊ

De carapuça vermelha,
De corpo côr de cinza, e olhar de braza,
E uma corda de embira,
Rara é a noite em que não dança seu catira,
E que, dansando, não destelha,
De telha em telha,
As telhas de uma casa.

Rei dos malabarismos,
Salta montes, salta valles, salta abismos,
Salta, pula, gesticula,
Corre, azula,
Dança e ri,
Numa louca farandula
De sacy.

Vae contente, vae cambaio,
Vae pernetta de uma vez ...
Vae fegoso como um baio,
Vae ligeiro como um raio,
Coriscando, atraz da rez.

E depois da estrepolia,
Da folia,
Com um cachimbo, já se vê,
Numa boa cachimbada,
Pela estrada,
Agudo e frio,
Assobia o assobio
De sacy-pererê.

JOSÉ ALVES DE CAMARGO.

O PRIMEIRO GYMNASIO

(LENDA)

Andava muito doente o jovem principe! Nem as sumidades medicas, nem as festas sumptuosas do reino, nada conseguia colorir-lhe as faces macilentas.

Nada fazia sorrir o futuro rei, que se definhava consumido por uma neurasthenia profunda.

Sombrio véo de tristeza envolvia o vasto reino do poderoso monarcha.

Um dia, porém, uma velha maltrapilha, rompendo a custo a multidão dos famulos de librés douradas, consegue penetrar na sala do throno e, arrojando-se aos pés do soberano, propõe-lhe a cura do filho amado.

Dominando o espanto e vencendo o asco que a presença inesperada da velha lhe causava, e chamando alguns lacaios, ordenou-lhes o rei que a seguissem e voltassem trazendo o remedio salvador.

— Perdão majestade, exclamou, receiosa, a velha, o remedio que salvará o principe, será encontrado num animal que segrega um liquido milagroso. Esse animal móra debaixo duma pedra das muitas mil que cobrem um terreno inculto, longe da-

qui. O liquido só produzirá effeito, si o animal fôr apanhado e morto pelo proprio principe.

— Impossivel! Meu rico filho, criado á sombra, respirando perfumes, coberto de seda e pedrarias, repousando em coxins de velludo, expôr-se ao sol, á chuva, ao frio?! Oh! nunca!... Estás doida, velha embusteira! Longe de mim!

— Obedeço, majestade; retiro-me. Vosso filho, porém, morrerá e com elle o vosso reino.

Ante esta audaciosa praga, o rei encolerizado mataria a pobre velha, si o principe, que a tudo assistira, não sustasse o golpe mortal.

— Perdão para ella, meu pae! Eu a seguirei, si me permittirdes.

A resolução e a pallidez mortal do herdeiro do throno, acalmaram o rei potente.

— Vae, filho meu, exclamou elle, mas ai de ti, velha, si o remedio não fôr encontrado! Morrerás queimada, como uma bruxa. Si porém meu filho fôr salvo, serás prodigamente recompensada.

— Aceito o castigo, majestade. O premio, pedirei mais tarde.



No dia seguinte, pela madrugada, o principe vestindo algodão, calçando couro e trocando as luvas pela enxada, sahiu daquelle luxuoso palacio onde imperava a ociosidade, e seguiu a velha!

— Que bello espectaculo! exclamou elle, admirado ante o nascer do sol, que nunca vira.

— E' o despontar do dia, alteza. Todos dormem ainda! Gente preguiçosa é que não vê o sol nascer! Um povo laborioso deve levantar-se quando o sol se ergue.

Começaram a longa caminhada galgando montanhas, transpondo campinas, atravessando florestas.

— Como é vasto e rico o reino de meu pae! Quanta belleza ignorada! Quanta riqueza abandonada!

— O reino do vosso pae seria o mais poderoso do mundo, si o dinheiro gasto em banquetes, em conchavos politicos, em orgias palacianas, fôsse empregado na lavoura, commercio, industria e escolas. Um povo ocioso é um povo morto. Um povo sem educação intellectual, civica, moral e physica é um corpo sem alma. A ignorancia e as doenças acabarão com elle. Repousemos agora, á margem deste limpido e marulhoso regato e vamos preparar o nosso almoço.

O principe, que ouvia religiosamente os sabios ensinamentos da boa velha, já sorria e já sentia fome.

— Que petisqueiras tão gostosas! Não são melhores as finas eguarias lá do palacio!

— Os alimentos devem sêr puros e simples. Os temperos excessivos fazem mal á saude. Um povo doente é um povo sem coragem para lutar pela vida. No palacio, alteza, não tinheis fome, porque ereis ocioso, não tinheis horas certas para acordar, comer... Precisamos ter um methodo para tudo.

*
**

Ao cabo dalguns dias de viagem, chegaram os nossos vian-
dantes a um vasto terreno inculto e pedregoso. O riso não abandonava mais os labios purpurinos do principe. As suas faces, de macilentas que eram, tornaram-se rechonchudas e coradas.

— Removei essas pedras, revolvei essa terra, alteza, que haveis de encontrar o animal portador do liquido que vos salvará.

O principe obedecia cégamente a tudo. Passados alguns mezes, o terreno estava todo revolvido e limpo, mas o animal não apparecia. Appareceu, porém, no corpo emmagrecido do mancebo, uma musculatura rija e abundante, que o tornou forte e esbelto. Suas faces continuavam rubras e seu semblante, alegre.

— Que será de ti, boa velhinha, quando regressares ao palacio sem o remedio?

— Nada receio, alteza. Confio em Deus e na justiça do rei. Breve havemos de regressar.

*
**

O rei, ao vêr a velha, que apparecera sósinha, pallido e furioso, bradou:

— Meu filho, onde está elle? E o remedio?

— Eil-o, majestade, disse a velha fazendo entrar na sala o principe, que se occultára atraz dum reposteiro de velludo e ouro.

Doidos de alegria, pae e filho abraçaram-se e beijaram-se, rindo e chorando.

— Corram todos; que hoje haja festas em todo o reino, em honra ao meu filho que volta salvo... E o remedio, onde está elle?

— Nada de festas, meu pae. Empregae o dinheiro na lavoura, commercio, industria e fundação de escolas para a mocidade, que é o futuro e a esperanza da Patria.

— Bravos! exclamaram todos os presentes.

— Agora, que o principe está salvo e com elle o vosso reino, saudosa, mas feliz, eu me retiro, majestade.

— Não partirás, boa velha. E's muito intelligente. Salvaste meu filho e preparaste-o convenientemente para governar um povo. Não preciso vêr o remedio que salvou meu filho. Já o advinhei. Ficarás e continuarás a instruir meu filho. Serás a preceptora do principe. Eis o teu premio.

— Aceito-o, mas com uma unica condição: que no terreno preparado pelo principe, seja erigido o primeiro gymnasio do reino, onde a mocidade possa receber uma educação completa e cuidadosa. Um povo assim, ha de sêr feliz; um reino formado de gente assim, ha de sêr poderoso.

E... foi assim que appareceu no mundo o primeiro gymnasio.

OS AMIGOS DO AGRICULTOR

(FABULA)

Um homem vivia num sitio onde poderia têr tido excellente colheita, si não fossem as myriades de insectos que destruiam as sementes e os frutos.

Um dia, quando já desanimado contemplava seu trabalho perdido, seus campos destruidos, appareceram-lhe um passaro e uma rã dizendo-lhe:

“Consenti que tragamos nossos companheiros e que venhamos morar convosco e salvar-vos-emos a colheita.”

O homem, desesperado, respondeu: “Venham; já experimentei tudo . . . Venham, depressa!”

Por muito tempo tudo correu bem. Milhares de passaros vieram cantar nos ramos das frondosas arvores. Verdes rãs saltavam pelos campos destruindo os insectos nocivos.

Mas o homem esqueceu-se de como estes seus amigos lhe tinham protegido a seára. Foi ingrato: permittiu que caçadores crueis viessem matar as aves, para se aproveitarem da sua plumagem multicôr; consentiu que crianças malfeitoras perseguissem as rãs.

Os passaros e as rãs, não podendo mais viver socegados, resolveram mudar-se e lhe disseram:

“Vamo-nos embora, porque fostes muito ingrato. Outros virão nos substituir. Si os enxotardes, como a nós, morrerreis á mingua. Attendei-nos, antes que seja tarde.”

O homem riu-se, ao pensar que a sua vida dependesse de creaturas tão humildes, tão insignificantes, como fossem os passaros e as rãs: não prestou a minima attenção aos seus conselhos.

Passaram-se os annos. Os insectos, livres, tudo devoravam. Nos campos nús só se viam signaes de decadencia e ruina.

Não muito longe havia uma propriedade farta e prospera.

Os pomares vergavam ao peso das frutas. Nos galhos, mesmo nos mais baixos, passaros despreoccupados cantavam edificando os seus ninhos. Nos campos, o ruido do arado e do ancinho nenhum terror causava ás rãs.

Um dia um mendigo chegou á porta dessa propriedade e pediu pão.

— “Porque estaes assim nesta miseria?” indagaram-lhe. “A terra é tão farta, a natureza é tão prodiga!”

— “Porque fui ingrato. Enxotei os meus amigos e não lhes escutei os conselhos. Agora, vim recommear minha vida convosco e com elles.”

MÃE E FILHO

Na sala de jantar, ampla e modesta,
De onde se avista, muito longe, o prado
E a orla verde escura da floresta,
A mãe bondosa, tendo o filho ao lado,

Cheia de amor, na communhão honesta
Do Bem e do Trabalho mais sagrado,
Após beijal-o, com ardor, na testa,
Abre-lhe, rindo, um livro delicado . . .

No coração das duas creaturas
Descera, nesse instante, o puro encanto
Que doura e enfeita o throno das venturas!

E, enquanto a luz do sol de outono brilha
Fóra, na sala de jantar, a um canto,
Mãe e filho soletram a Cartilha!

PAULO ANTUNES.

O JARDIM DA VOVÓ

IV

(Continuação)

Um sabiá cantava no jardim da vovó. Elle era o rei do jardim e a rosa era a rainha.

De manhãzinha, quando o jardim estava em silencio, o passaro vinha sempre pousar no mesmo galho, encher os ares com a sua melodia. A vovó ficava á sua espera, pois dizia sempre que era o sabiá que lhe ajudava a melhor compreender a vida das flôres, das aves e dos insectos que alegravam o seu jardim.

Lulú desconfiava que era o sabiá quem contava á vovó as maravilhosas historias que ella sabia narrar tão bem!

Havia no jardim bandos de colibris, ticos, bem-te-vis, pintasilgos e canarios, mas o passaro querido era o sabiá.

Uma manhã elle não appareceu, não cantou. Ainda que vovó e Lulú esperassem e procurassem por elle em cada arvore do jardim, não o viram.

— “Tenho medo que alguém o tivesse prendido e engaiolado,” disse a vovó.

Lulú ficou desconsolado, pois elle sabia que no jardim havia um ninho e uma companheira á espera do sabiá.

Na manhã seguinte pediu licença para sair a procural-o. Levava comsigo a carteira com suas economias. Desceu correndo a rua e, de porta em porta, ia perguntando: — “Ninguem por aqui prendeu um sabiá?”

Muitos riam-se delle, mas Lulú não se importava.

Depois de ter andado muito, quando começava a descoroçoar de revêr o seu sabiá, olhou e viu á janella da casa em frente, dentro de feio e forte alcapão, arrepiado e triste — o seu sabiá.

— “Que bom!” exclamou Lulú, e correndo subiu a escada e tocou a campainha.

Recebeu-o um menino duns treze annos.

— “Eu vim comprar esse sabiá. Acho que é o mesmo que cantava no jardim da vovó. Aqui está uma nota bem novinha . . . Ah! não chega? Eu pago mais. Quanto é?”

— “Não quero vendel-o,” respondeu com maus modos, o rapaz.

Lulú continuou: — “Oh! por favor! Eu sei que elle quer sair. Você não gostaria de estar engaiolado depois de ter vivido solto num jardim, e especialmente num jardim bonito como o da vovó!”

— “Este passaro não está á venda,” repetiu bruscamente o menino.

— “Mas, Deus não fez os sabiás para as gaiolas,” disse chorando Lulú. “E por isso elle não é seu”.

— “Sempre quero saber porque não é meu! Cacei-o . . . E’ melhor que você vá embora consolar-se com sua vovó. Ainda outra vez repito: este sabiá é meu, e não está á venda.”

Pobre Lulú! Não tinha certeza que aquelle era o seu sabiá, mas elle bem sabia que os sabiás não deviam, não podiam sêr engaiolados!

Pôz o dinheiro no bolso e tirou o lenço para enxugar as lagrimas que não podia reter.

“Pobre criança!” disse a vovó, abrindo os braços para recebê-lo e ouvir a sua triste historia.

“Talvez o sabiá ensine aquelle menino a sêr bom,” continuou a vovó, quasi chorando.

Ouviu-se o portão abrir-se. Entreolharam-se. Vinha entrando o menino e trazia na mão o alcapão.

— “E’ seu. Cacei-o aqui atraz do seu jardim. Nunca pensei que alguém pudesse querer tanto a um sabiá! Ahi está elle. Não chore mais.” E desapareceu.

Lulú e vovó, de tão contentes, não sabiam o que fazer. Abriram afinal o alcapão e o sabiá solto, voou ligeiro ao alto duma laranjeira onde estava o seu ninho.

Tudo era alegria no jardim: a briza, os insectos e os passaros uniam-se em glorificação á liberdade.

A FADA E O LENHADOR

(FABULA)

Certo dia um lenhador estava derrubando uma arvore, á margem dum rio e deixou cair o seu machado na correnteza.

Procurou retiral-o, mas não poudé porque o rio era bastante fundo. Sentou-se, muito triste, imaginando o que seria d’elle sem machado.

Nesse instante appareceu-lhe uma fada, dizendo-lhe:

— “Que aconteceu, meu bom homem?”

— “Perdi meu machado,” respondeu o lenhador.

A fada mergulhou até ao fundo do rio, trazendo consigo um machado de ouro. — “E” este o seu machado?” perguntou ella.

— “Não é esse,” respondeu o lenhador.

De novo foi ella ao fundo do rio, desta vez trazendo um machado de prata.

O lenhador, sacudindo a cabeça, disse que tambem esse não lhe pertencia. Pela terceira vez desceu a fada ao fundo do rio, trazendo finalmente o machado do lenhador.

— “E” este!” exclamou o homem. “Muito, muito obrigado!”

— “Em recompensa á sua honestidade,” disse a fada, “dar-lhe-ei estes outros dois machados.”

O lenhador contou aos seus companheiros o que lhe acontecera.

Um delles foi á margem do mesmo rio e deixou cair o seu machado no lugar em que as aguas eram bem profundas. Depois, sentou-se pensativo, com a cabeça entre as mãos, em attitude de quem estava muito aborrecido.

A fada appareceu e perguntou-lhe:

— “Que lhe aconteceu?”

O homem contou-lhe e ella immediatamente desapareceu na agua, voltando com um machado de ouro. — “E” este o seu machado?”

“E”, sim!” respondeu soffregamente o lenhador, extendendo a mão para pegar o machado.

Mas a fada sabia que o machado não era esse, e para castigar o lenhador pela sua deshonestidade e falsidade, deixou cair na agua o machado de ouro. Nem ao menos ajudou-o a retirar o machado perdido. O lenhador então convenceu-se que devia sêr honesto.

MESTRE

(A' MEMORIA DO GRANDE E INOLVIDAVEL AMIGO E COLLEGA)

ARNALDO BARRETO.)

Já não existe o grande Mestre amado,
o professor por todos consagrado,
aquelle que instrucção nos diffundia.

Si foi um bom, um grande, um competente,
sorte tivera em nos deixar semente
do seu talento forte, e sympathia.

Em cada coração paulista grato,
ficou do Mestre o pallido retrato,
recordação que fórma a sua historia.

Educador e jornalista nobre,
de cuja vida a Patria, então, descobre,
um brasileiro que pertence á Gloria...

Os livros que deixára nas escolas,
foram, no ensino, verdadeiras molas,
equilibrando o cerebro infantil.

Das obras produzidas, entretanto,
aquella que mais alto eleva o encanto
do seu talento de virtudes mil,

é, justamente, a que nos foi cedida,
a que recorda as paginas da vida,
e que elle comprehendera mais de perto!

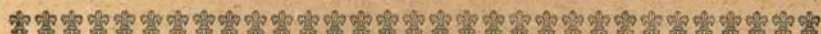
— Exemplos de honradez, de seriedade,
de educador completo, de bondade,
— um coração sem maculas, aberto.

Já não existe o grande Mestre amado,
o professor por todos consagrado,
— pharol azul de nobres qualidades.

Descansa, Mestre, que o teu nome é gloria,
e o povo brasileiro, na memoria,
ha de o guardar, cercado de saudades!

PEDRO VOSS FILHO.





NOS ARRAIAES DO ENSINO

DO ESPIRITO PHILOSOPHICO NO ENSINO

III

No n.º 7 desta Revista tratámos do ensino da Physica como é realizado nos nossos cursos secundarios, tendo já no nosso primeiro artigo (n.º 4 da "Revista Escolar") criticado, ainda que mui perfunctoriamente, o ensino do portuguez e da litteratura, sobre cujo assumpto talvez voltemos a tecer considerações. E porque tratámos, no ultimo artigo, de Physica, já por associação de idéas, já pela correlação que ella mantém com a Chimica na classificação de Augusto Comte, ou finalmente porque sempre ou quasi sempre, em todos os estabelecimentos, ambas constituem uma só cadeira, voltemos, por um momento, a nossa attenção para tal disciplina.

A relação entre a Physica e a Chimica é tão estreita (1) que as considerações que vamos fazer sobre a segunda se aproximam não pouco das que expendemos sobre a primeira; não obstante, muitas dellas apresentam um character mais especifico, e, por isso, aqui vão.

(1) Constituiu-se, mesmo, nos nossos dias, uma nova sciencia, a *Chimica-physica*, embora ella já se tenha esboçado com os *ionistas*. Em 1884-1887 appareceu uma obra de W. Ostwald, "*Lehrbuch der allgemeinen Chemie*," que preparava o terreno para os ulteriores trabalhos, até Curie, Le Bon...

Esta sciencia intermediaria entre a Physica e a Chimica está fadada na nossa opinião despretenciosa de philosopho de ultima ordem, a sêr no futuro, não (como se poderia sêr levado á crêr) uma sciencia de enlace mais estreito de ambas, mas a sciencia que as absorverá a uma e outra e se tornará senhora unica do campo tão longamente disputado por ellas. (Pois muitos phenomenos, como os zoophytos em historia natural, têm sido reivindicados ora pelos physicos, ora pelos chimicos, como de sua alçada.) O que nos conduz a esta affirmacão é a nossa crença inabalavel, nascida da meditacão e dos exemplos, de que os phenomenos chimicos se reduzem a phenomenos physicos. O futuro o dirá.

Um lente de Chimica não póde ignorar, primeiramente, que o Universo é um todo, e que os phenomenos estudados pela Chimica são apenas uma face desse todo. Os phenomenos chimicos apresentam, é certo, caracteristicos proprios, e foi em virtude desse facto que as classificações das sciencias lhes reservaram um logar áparte, como aliás a todos os phenomenos agrupados em virtude doutros caracteristicos. Mas isto não significa que haja uma certa classe de phenomenos exclusivamente particulares em que não interfiram os phenomenos estudados pelas demais sciencias. O ideal scientifico-philosophico é mesmo reduzir as leis universaes ao menor numero possivel, como o desejava Isaac Newton. Assim como, por exemplo, na Physica, na Chimica, um certo numero de factos particulares permittem induzir uma lei, e depois verificar que esta lei, juntamente com outras, não são mais que *casos* duma outra mais geral, assim, tambem, vem-se a descobrir leis communs á Physica e á Chimica, e, muitas vezes, a varias outras classes de phenomenos, v. g., a *lei da conservação da materia*, que Spencer preferia chamar da *persistencia da materia*, (2) a qual, reunida á da conservação da energia, veio a constituir uma lei mais ampla: *a lei da conservação da substancia*. (3)

Um lente de Chimica não póde ignorar que esse conjunto de phenomenos do Universo foi submettido a classificações que obedeceram a criterios differentes, a differentes pontos de vista (4) e que, como quer que seja, essas classificações não são totalmente arbitrias, como as duma bibliotheca cujas obras classificassem pela encadernação, pelo formato etc. As classificações das sciencias obedecem a razões mais absolutas, a liames mais profundos, a relações mais *logicas e naturaes*.

Não póde ignorar tambem que essa *realidade* que a Chimica (e outras sciencias) estuda, se reduz, *empiricamente*, quanto á intuição pura, em *sensações*. *O mundo exterior*, diz Stuart Mill, *é uma possibilidade permanente de sensações*. Donde, a relação

(2) Spencer, "*Primeiros principios*", tomo I, cap. VI, nota.

(3.) Haeckel.

(4) V. *Classificações* de Spencer, A. Comte, Ampère e outros.

das sciencias objectivas (entre ellas a Chimica) com a Psychologia.

Que essa realidade chegou mesmo a sêr negada por um excesso de espiritualismo (Berkeley). Mas, quando mesmo exista, terá ella as propriedades essenciaes que teima em emprestar-lhe o nosso entendimento? O ultimo elemento (atomo ou electrono) é extenso e impenetravel? Tem uma fórmula? E' um nucleo de força, inextenso, como queria Leibnitz? (5) Porque então a nossa razão não o póde conceber inextenso? Que valor tem a concepção humana? O que não se esboça no espirito, não existirá? Terá razão Kant . . . e até Einstein? (6) Mas, Hegel? . . . Qual é a justa medida, relação ou, ao menos, proporcionalidade entre o *real* e o *ideal*? Porque tal relação de correspondencia (parcial, total, proporcional) ou porque sujeito e objecto não são um o reflexo do outro? Este problema tem de sêr resolvido, si o puder sêr, pelo conhecimento da origem das idéas.

Um lente de Chimica não deve ignorar que os conceitos scientificos de *facto bruto* e *facto scientifico*, de *lei*, *hypothese*, *theoria*, *postulado*, *definição* (V. H. Poincaré, Boutroux, Bergson, os pragmatistas . . .) têm sido criticados; que o rigor das sciencias inductivas não é isento de criticas (em parte justas) e que ás proprias mathematicas se quiz e se quer tirar esse privilegio. Que responder aos criticos da inducção? Será preciso fazer uma revisão dos valores scientificos? — A Chimica, como toda sciencia, tem seus *methodos*. O valor dos resulta-

(5) Leibnitz critica a definição de Descartes, da *materia extensão pura* e apresenta a sua opinião: a materia consistiria num aggregado de nucleos de força inextensos, de *pontos metaphysicos*. Na nossa opinião uma e outra versão nos parecem absurdas. A extensão pura se confunde com o vacuo ou o *espaço puro* (para Descartes não ha vacuo no Universo) e os pontos inextensos são coisa nenhuma e nunca uma somma de zeros poderia dar um total de materia mesmo infinitesimal.

(6) Einstein e os relativistas, bem como todos os geometras não euclidianos, emprestam a suas formulas algebricas analyticas um valor real; as suas coordenadas $x, y, z, s \dots n$ têm para elles existencia physica. E' uma extrapolação que não nos parece legitima. Não é a algebra e a geometria analytica e sim a physica e a philosophia que é preciso consultar sobre si taes generalizações encontram confirmação, pontos homologos na realidade.

dos depende da legitimidade dos raciocínios; ora, isto é com a Logica; logo, o chimico não póde ignorar ao menos a logica da Chimica, sinão toda logica applicada. Que valor têm a observação, a experimentação, a analyse, a synthese, os methodos de differença, concordancia, residuos, variações concomitantes?

A. CONTE.

(*Continúa.*)

ERRATA

No artigo I, n.º 4:

Pag. 87, l. 4, leia-se *Göethe*; l. 11, leia-se *Destutt De Tracy*.

No artigo II, n.º 7:

Pag. 89, l. 17, leia-se *tacto*; l. 32, não ha virgula na palavra *quantos*.



Assim como eu, devem fazer as crianças boas, que quizerem crescer fortes e sadias.

Para o meu leito levo toda a luz do dia, mas accendem-se no meu reino milhares de lanterninhas brilhantes e um grande fóco de luz que o illumina e tambem á terra onde vivem as crianças.

Gentis pequeninos, a mim devéis imitar.

Não vos esqueçaes que sou um incansavel trabalhador, e que o trabalho dá saude, dá vigor.

Lembrae-vos que "o preguiçoso não vê o sol nascer."





METHODOLOGIA

PROCESSO EDUCATIVO

SUA NATUREZA E ELEMENTOS

(A. TOMPKINS. — Trad.)

(Continuação)

VALOR EDUCATIVO DO PROCESSO

— *Valor intellectual.* — Um conhecimento do poder da letra *s*; não simplesmente um conhecimento da fôrma da letra, mas o effeito da letra sobre a palavra *menino*. A' primeira vista, parece sêr assumpto insignificante; mas é um novo meio de conhecimentos para os alumnos. Estes applicarão a idéa desse poder a todas as outras fôrmas de plural. E' uma idéa que se introduz — a da flexão em geral, não importa em que sentido a palavra varie de significação.

Quanto á *disciplina*, observação exacta das palavras; e isto estende-se a todos os objectos. Talvez seja esta a primeira vez que os alumnos tenham examinado minuciosamente uma palavra. Ha tambem a disciplina necessaria para a inteira e definida idéa da palavra. Em geral, sómente imagens vagas e indecisas passam deante da mente; de maneira que enquanto a vista está sendo educada a vêr definidamente a palavra, a imaginação está sendo exercitada na imagem definida que a palavra symbolisa. O alumno é assim disciplinado a vêr significação através de fôrmas a olhar; através das apparencias, as realidades. A fôrma de vida mental mais fundamental e persuasiva é a de lêr através dos phenomenos a espiritualidade que elles encerram; através do firmamento material, a gloria de Deus que elle proclama. O professor só está inteiramente preparado

para ensinar esta lição, quando sua propria mente tenha sido transformada por algum processo tal como o exigido ao lêr "Sartor Resartus" por Carlyle, no qual este, pela remoção successiva das exterioridades e apparencias, desvenda completamente a alma; — até que, "numa palavra, elle tenha contemplado fixamente a Existencia; até que, uma após outra, suas exterioridades mundanas tenham desaparecido; e então á sua visão arrebatada, o interior celestial ficará descoberto." Ao ensinar a palavra *meninos*, o professor está estimulando no alumno a mesma fórma fundamental de pensamento, duma maneira elementar, como a exigida pelo mais alto alcance do espirito philosophico.

Não seria inspiração do professor dirigir o simples processo a esta eminencia universal? E tem o professor qualquer direito profissional de ensinar esta lição sem ter conhecimento duma parte, pelo menos, do firmamento que o cobre? Ainda mais: a aprendizagem dessa palavra proporciona um bom exercicio para comparações e contrastes complexos. O alumno precisa reter duas imagens e duas fórmas, á medida que nota semelhanças e differenças em cada uma. Esta fórma de actividade ocorre constantemente em todo pensamento, e a disciplina neste caso deve sêr objecto de continuo esforço por parte do professor. A educação para tornar definida a relação da causa e effeito, é claramente obtida neste exercicio.

Valor emocional. — A emoção cultivada é intellectual: é oriunda do livre exercicio da imaginação e da alegria ao descobrir o poder da letra. Si bem que os passos enumerados sejam intellectuaes, a emoção naturalmente os acompanha. Nenhum dos passos póde sêr dado sem produzir relativa alegria ás faculdades. A emoção chega ao seu auge ao discernir o grande poder da letra s, a relação de causa e effeito. Isto é acompanhado do prazer que a espontanea actividade da imaginação traz ao calcular a extensão da idéa. Toda lição traz consigo sua propria fonte de prazer. Esta lição seria muito mal ministrada, si o alumno não se emocionasse durante o processo; e a intensidade da sensação indicaria, até certo ponto, a habilidade do professor, isto é, si o prazer nasce da inteira e espontanea actividade

ao imaginar a palavra, e não dalguma fonte estranha e illegítima.

E' inutil insistir que o professor deve sempre aproveitar-se da inteira, natural e util actividade infantil, no objecto em discussão, para interesse mais vivo e recompensa mais elevada; e não se servir dalgum novo facto excitante, porém alheio á legítima linha do pensamento.

Valor volitivo. — Esta lição não produz naturalmente qualquer resolução definida, mas deve proporcionar tendencias vitaes. O prazer que nasce da experiencia da verdade, da vida intellectual, induzirá o estudante á procura da verdade. Si a tendencia vital antes e depois da lição fôr a mesma, surgirá a seguinte pergunta: Para que ensinar a lição? A lição prepara a vehemencia de sensações que finalmente devem sêr transformadas na chamma da paixão pela verdade.

O professor só está preparado para ensinar esta lição, quando elle veja claramente e sinta inteiramente a significação universal na direcção da verdade e virtude. A lição é cheia de influencia para o bem, si a mente infantil estiver natural e plenamente disciplinada no assumpto em consideração, si toda a alma, intellecto, sensibilidade e vontade entrarem no exercicio.

Substituir por vida intellectual a vida emotiva é um grande problema educativo, e é bem evidente que esta lição possa tornar-se poderoso factor nessa direcção.



MUSICAS E CANTOS ESCOLARES

CÔRO DOS PESCADORES

(LETRA DA MUSICA ANNEXA)

Pescadores, ligeiros, alerta!
Que a manhã lá no céu despontou
E risonha, entre beijos, desperta,
O horizonte de luz semeou.

Nesta lida incansavel, penosa,
O que mais nos agrada e distrae
E' essa onda fugaz, caprichosa,
Que nos beija e depois sóme e esvae.

Ao mar ... ao mar ...
Nossas rêdes e vamos pescar,
Sem ter ... sem ter ...
Um momento sequer a perder.
Azul ... azul ...
Todo o mar se distende, taul,
E então ... e então ...
Longe perde-se a nossa canção.

Nossa vida se vae, lentamente,
Entre os beijos do sol e do mar;
Tudo corre com os gostos da gente,
Sem nenhuma ambição desejar.

Si a borrasca nos mostra o semblante
De sombria e cruenta feição,
Pescadores, alerta! adeante!
Sús com as rêdes, que vem o tufão!

Ao mar... ao mar...
Nossas rêdes e vamos pescar,
Sem ter... sem ter...
Um momento sequer a perder..
Azul... azul...
Todo o mar se distende, taful,
E então... e então...
Longe perde-se a nossa canção.

Nossa barca — ligeira andorinha,
Todo o azul infinito a cortar,
Rompe a vaga e caminha... caminha...
Que doçura no espelho do mar!

Quando a noite entreabre sua aza
Sobre o mar, a perder-se, a sumir,
Pescadores, voltemos a casa,
Procuremos descanso a dormir.

Ao mar... ao mar...
Nossas rêdes e vamos pescar,
Sem ter... sem ter...
Um momento sequer a perder.
Azul... azul...
Todo o mar se distende, taful,
E então... e então...
Longe perde-se a nossa canção.

IZABEL V. DE S. E PAIVA.

Coro dos Pescadores

J. Julião

Canto

Piano

Pes - ca -

de - res li - gei - ros a - ler - ta que a ma -
 li - da pe - nosa in - cui - sa - nel O - que

nhã lá no céu des - pon - tou - ri
 mais nos a - grada e dis - tae O, essa

so - nha entre bei - jo des - per - ta o hori -
 zi - da fu - gos fca - pri - sho - sa que, ras

I^a vez.

-gon te de lux re-me-on --- Nes-ta

I^a vez.

deu... atempu.

II^a vez.

beija e de pois some e sae --- ao

mar... ao mar --- Nos-oas

re-des e sa-mos pes-car --- Sem

Handwritten musical score for a song, featuring vocal and piano parts. The score is written on ten staves, with the top two staves of each system for the vocal line and the bottom two for the piano accompaniment. The key signature is one sharp (F#), and the time signature is 4/4. The lyrics are in Portuguese.

System 1:
Vocal: *ter sem ter um mo-*
Piano: *cresc. f. p.*

System 2:
Vocal: *-mento si quer a per - der a -*
Piano: *rit. a tempo*

System 3:
Vocal: *-zul a - gul do - do*
Piano: *rit. a tempo*

System 4:
Vocal: *mar se dis - ten - de ta - ful - - - - - to en -*
Piano: *rit. a tempo*

-tão e in-tão lon-ge

per-de-se a nos-sa can-ção e en-

ção

L'vex

Coda

ff

dim.

Sylvio Bregiani
Quarta



EDUCAÇÃO PHYSICA

JÓGOS ESCOLARES

FLÔRES

Duas crianças dando-se as mãos, fórmam um arco sob o qual as outras passam correndo ou saltando. Enquanto passam por baixo do arco, vão cantando:

*Estamos á procura duma rosa,
Rosa, rosa.
Estamos á procura duma rosa
Que aqui está.*

A' palavra *está*, as crianças que fórmam o arco descem os braços e tratam de prender aquella que, nesse momento, por ali passar.

Em seguida, uma das crianças do arco passará a incorporar-se ás outras, enquanto a *rosa* — a que ficou presa, toma o seu lugar no arco.

Passando novamente por baixo do arco, as crianças cantam:

*Estamos á procura dum cravo,
Cravo, cravo.
Estamos á procura dum cravo
Que aqui está.*

Quando o *cravo* fôr apanhado, ajudará a *rosa* a formar o arco, e ambos procurarão apanhar a sua *flôr*.

O jogo continúa assim, até que todos os jogadores tenham apanhado uma *flôr*.

NINHOS

Os *ninhos* são feitos por grupos de tres crianças, de mãos dadas, formando circulos.

No centro de cada grupo fica um dos jogadores, que é o *pinto*.

Os outros jogadores são ora *gaviões*, ora *pintos*.

Um *gavião* e um *pinto* são escolhidos e ficam fóra dos *ninhos*.

O *gavião* persegue o *pinto* que, para se esconder, corre a um *ninho*, onde fica salvo. O *pinto* que estiver nesse *ninho* precisa sair e correr á procura doutro *ninho*, para não sêr apanhado pelo *gavião*. O *pinto* que fôr apanhado, passará a sêr *gavião* e irá perseguir quem o estava perseguindo. O *gavião* será então o *pinto*.



VOCÊ VIU MEU CARNEIRO?

As crianças fórmam um circulo ficando uma de fóra. A de fóra toca numa das do circulo perguntando: — *Você viu meu carneiro?* A outra responde: *Não. Que fórmula tinha?*

A primeira então descreverá alguma criança do circulo . . . Póde mencionar a roupa com que está vestida, ou algum outro caracteristico. A criança descrita, corre e dá a volta, procurando entrar no seu logar antes que a de fóra a pegue. Si fôr pegada, ficará fóra do circulo e procederá como a primeira. E assim por diante.



PESCARIA

Marcam-se duas linhas paralelas, a uns dez metros de intervallo uma da outra.

Os *peixes* ficam numa das linhas. O *pescador*, bem no centro do campo, que serve de rio, faz o movimento de quem rema.

A um dado signal, todos os *peixes* nadam (correm fazendo movimentos de natção com os braços) até á outra margem do rio — a linha da frente.

O *pescador* procura pegar os *peixes* e estes, á medida que vão sendo *pescados*, vão dando as mãos e formando uma rêde para ajudar a cercar os outros *peixes*.

Nas linhas, os *peixes* não poderão sêr *pescados*.

O jogo continúa até que todos os *peixes* tenham vindo a fazer parte da rêde.

*
**

CENTRO

Fórma-se um circulo com um alumno ao centro.

Uma bóla da dimensão das de *foot-ball*, mais ou menos, é jogada dum alumno a outro. O *centro* procura tocar na bóla enquanto ella faz a trajectory. Póde a bóla passar a jogadores consecutivos, atravessar o circulo etc. Quando o *centro* conseguir *tocar* na bóla, trocará de logar com o ultimo que a jogou.





NOTÍCIAS

7 DE SETEMBRO

A data que recorda a nossa independencia foi, este anno, brillantemente commemorada pelos alumnos dos nossos estabelecimentos de ensino, notadamente pelos das escolas normaes e annexas do Braz e da Praça da Republica.

Sobre o assumpto, eis o que disse o "Jornal do Commercio", desta Capital:

"Devia realizar-se, amanhã, nesta Capital, pela primeira vez, num dos campos de futebol, um concurso geral de gymnastica e jógos escolares, promovido pela Directoria Geral da Instrucção Publica, dos alumnos das Escolas Normaes e Grupos Escolares.

Attendendo, porém, á crise de energia electrica, a Superintendencia da "Ligth and Power" não poudes fornecer os bondes extraordinarios solicitados, para a conducção das turmas, que, nesse festival educativo, civico e patriotico, deveriam tomar parte.

Será, comtudo, feita, isoladamente, á mesma hora, em cada estabelecimento de ensino, com a assistencia franca das familias das crianças, com todo brillantismo, com carinho e patriotismo e a maxima preocupação, em menores proporções, uma prova publica do esforço das escolas paulistas, pela cultura physica da mocidade.

As duas Normaes — a da Praça da Republica e a do Braz — farão em commum, fóra das suas respectivas sédes, por uma fórma mais modesta e dum modo mais restricto, um pequeno concurso de gymnastica e jógos, no jardim da Praça da Republica, sendo desenvolvido o programma abaixo transcrito, ás 8 horas da manhã.

Com esse amplo movimento em pról da educação physica, deseja a administração superior do ensino publico, fazer a pro-

paganda dos “exercícios do corpo”, dos “exercícios physicos” — para que a pratica da gymnastica educativa e racional — e principalmente a dos jógos gymnasticos que a desenvolvem duma maneira proveitosa e efficaz — entre em nossos habitos; penetre os lares, as officinas e as fabricas, os escritorios de trabalho e os laboratorios dos sabios, ou todos os recantos onde o esfalfamento cerebral e a inactividade muscular vão creando a miseria physiologica, para que, de par com a hygiene salutar, faça resurgir, imponente e bella — a “saude” — que é a maior riqueza da especie humana, ou dos sêres dotados de vida.

Já existe, ha longo tempo, nas escolas do Estado, um dia escolhido para o “culto á Bandeira Nacional”; outro, em que se realiza o “culto ás aves”, e outro para o “culto á arvore”.

Encerram essas festas profundos conceitos educativos, uns moraes e outros religiosos, além dos conceitos economicos e positivos.

São festas symbolicas, de que usam as escolas modernas, como um dos meios soberbos de cultura moral e mental.

Era intuito da Directoria Geral da Instrucção Publica, com esse admiravel e vasto torneio gymnastico, deixar estabelecido um dia do anno, para o “culto ao physico”, “culto ao corpo”, “culto á raça” — procurando, assim, elevar a cultura physica á mesma altura, ao mesmo apogeu de florescimento a que attingiram, em nossas escolas officiaes, a educação moral e a intellectual.

Melhor data para esse “Culto á raça” não poderia existir que essa, em que transcorre a ephemeride que relembra os sacrificios das fortes e heroicas gerações do passado pela nossa emancipação politica, ou pela independencia nacional.

Será o nosso — “play-day” — que mostrará o cuidado que devemos ter para o avigoramento da nossa raça.

Rio Branco — o chancellor que dignificou o nome da Patria na diplomacia — affirmou, mais de uma feita, que a melhor diplomacia era a que tinha o sequito de um bom numero de “dreadnoughts”.

Tinha razão o inesquecivel diplomata.

Um povo fraco é capacho das grandes potencias; é joguete dos fortes, no convívio do universo.

Ainda não chegámos, é verdade, a essa época fatal da decadencia da raça.

Mas, si é sabido que a fraqueza do corpo se transmite, por hereditariedade, de paes a filhos; si o vigor physico tambem se transmite á descendencia ou á prôle — porque não tomarmos já as providencias que o patriotismo nos aconselha?

Urge que adoptemos, desde já, as medidas preventivas — verdadeiras medidas prophylacticas contra a fraqueza organica, contra a decadencia da energia vital.

Os gregos das primeiras edades conheciam as tendencias da natureza humana para a degenerescencia e procuravam combatel-a energicamente. Entregavam-se, sem cessar, aos exercicios do corpo para conservar a “saude”, tornar-se robustos e manter as bellas qualidades da alma.

A educação physica é uma função vital da sociedade. Quem a propaga, espalha os meios para a conquista da sanidade organica, do trabalho, ou da habilidade profissional, e da longevidade.

Deve sêr assim considerada pelo valor dos lucros energeticos, que ella accumula para a Nação.

Quem semeia o exercicio, dissemina a vida; e a saude — manifestação exterior do equilibrio da vida organica — é, como affirma o Dr. Philippe Tissié, o primeiro “capital-força” na fortuna em formação.

A vida é combate. As batalhas quotidianas da existencia contra o meio, contra os agentes pathogenicos de todo o genero, são tão encarniçadas como os combates das guerras.

O homem deve achar-se apercebido para a luta, como a machina mais engenhosa da prosperidade collectiva.

O motor humano produz trabalho.

E’ por isso que o governo—instituindo nas escolas o “play-day,” teve em vista incentivar a cultura physica — afim de preparar gerações cada vez mais fortes, não pela formula grega —

“a saude pela força”, mas, pela formula sueca — “a força pela saude”.

Orientadas por essa fórma, as escolas do Estado e as sociedades de gymnastica poderão estabelecer, no sólo bemdito da Patria, vigorosos motores humanos, para a posse da fortuna e da liberdade.

**

FESTA DESPORTIVA

E' este o programma da festa promovida pelos alumnos da Escola Normal e annexas da Capital e da Escola Normal e annexas do Braz, em homenagem á data de amanhã.

Allocução, pelo prof. José Rizzo; Hymno da Independencia; Saudação, pelo alumno da Escola Modelo “C. de Campos,” Lacordaire Duarte; Cultura physica, pelo prof. Augusto R. de Carvalho, Inspector de exercicios physicos; Collectivo, pelos alumnos da Escola Modelo “Caetano de Campos”; Corridas ás laranjas, pelas alumnas da Escola Modelo “C. de Campos”; Bóla-Bala, pelas alumnas da Escola Complementar da Capital; Collectivo, pelas alumnas da Escola Complementar da Capital; Guerra-Bóla, pelos alumnos da Escola Modelo “C. de Campos”; Corridas com arcos, pelas alumnas, da Escola Modelo “C. de Campos”; Bóla de mão, pelas alumnas da Escola Normal do Braz; Corrida com barreiras, pelos alumnos da Escola Complementar da Capital; Collectivo, pelas alumnas da Escola Complementar do Braz; Bóla-Batida, pelas alumnas da Escola Modelo do Braz; Bóla ao cesto, entre alumnos da Escola Normal da Capital; Bóla-Caçada, pelos alumnos da Escola Complementar do Braz; Bóla-Balão, pelas alumnas da Escola Complementar da Capital; Barra-Bóla, pelas alumnas da Escola Modelo “Caetano de Campos”; Pulos de caixão, pelos alumnos da Escola Normal da Capital; Collectivo, pelas alumnas da Escola Normal da Capital; Bóla ao cesto, partida entre alumnas da Escola Normal da Capital e as da Escola Normal do Braz.

**

ESCOTISMO

De combinação com a Directoria Geral da Instrucção Publica, a Associação Brasileira de Escoteiros fará, no mesmo local, ás 14 horas, uma pequena demonstração de escotismo, como um dos primeiros passos para o resurgimento dessa admiravel escola educativa para a formação do homem perfeito, mas perfeito moralmente, mentalmente e, sobretudo, physicamente, tendo sido organizado o programma seguinte:

- 1 — Gymnastica pedagogica — 3 lições.
- 2 — Pyramides e demonstrações, pela Commissão Regional "Baden Powel".
- 3 — Jógos gymnasticos.
- 4 — Marchas."

Os respectivos programmas a que se refere esta transcrição, foram executados com pleno exito, causando a melhor impressão no espirito dos numerosos assistentes.

FESTA DAS ARVORES

Realizou-se, a 21 do mez p. findo, nas escolas publicas, grupos-escolares, escolas-modelo e outros estabelecimentos de ensino do Estado, a cerimonia da "Festa das arvores."

Essa festa, cuja iniciativa, no Brasil, coube ao Estado de S. Paulo, revestiu-se como nos annos anteriores, de todo o brilho: o culto á arvore, além do seu valor educativo despertado nos alumnos pelas instrucções e prelecções de seus mestres, teve o seu cunho pratico bastante pronunciado, havendo as crianças plantado grande quantidade de exemplares vegetaes.

A utilissima cerimonia promete d'ora avante tomar grande incremento no paiz, pois o governo federal, inspirado no exemplo do nosso, acaba de determinar que no inicio da primavera se effectue sempre a grande festa, no territorio nacional.

A INSTRUÇÃO PÚBLICA DO ESTADO DE S. PAULO

SEGUNDO A ÚLTIMA REFORMA

A instrução pública do Estado de S. Paulo compreende o ensino primário, complementar, secundário, profissional e superior.

O ensino primário, gratuito e obrigatório, é ministrado pelos grupos-escolares, escolas reunidas, escolas isoladas, jardins de infância e escolas maternas.

O ensino complementar é ministrado pelas escolas complementares, anexas às escolas normaes.

O ensino secundário é professado nas escolas normaes e gymnasios, e o superior nas faculdades e escolas superiores.

O ensino profissional tem lugar em escolas especiaes, para cada sexo, e é inteiramente gratuito.

O ensino primário é de 4 annos nos grupos e de 3 nas escolas reunidas e isoladas.

O ensino complementar é de 2 annos e tem por fim completar o ensino primário.

O ensino secundário é de 5 annos nas escolas normaes e de 6 nos gymnasios.

Os grupos-escolares são estabelecimentos que funcionam sob a responsabilidade de um director que tem a seu dispor tantos professores adjuntos quantas forem as classes formadas por 40 alumnos.

Segundo o numero de classes, os grupos são classificados em 1.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a categoria. São de 1.^a categoria os grupos de mais de 30 classes; de 2.^a, os que tiverem de 21 a 30; de 3.^a, os que contarem de 11 a 20 classes; e de 4.^a, os de 8 a 10 classes.

Nas localidades onde o prédio escolar não pôde comportar as classes necessarias, ha desdobramento das aulas. O primeiro periodo, neste caso, funciona das 8 ás 12 horas e o segundo, das 12 ½ ás 16 ½ horas.

Nos prédios de um só periodo os trabalhos têm inicio ás 11 horas e são encerrados ás 16 horas.

Quando ha tres ou mais escolas proximas, são reunidas, sob a direcção de um dos professores, que continua na regencia da sua escola, si o numero das reunidas não fór superior a cinco.

Em caso contrario, deixa a regencia da classe para se occupar exclusivamente com a direcção das aulas.

As escolas reunidas que completarem 8 classes passam a funcionar sob a denominação de grupo-escolar.

As escolas isoladas se dividem em duas categorias: ruraes e urbanas.

São escolas ruraes as que estão localizadas nas fazendas e pequenas propriedades ruraes. São escolas urbanas as que têm por séde um districto de paz, ou séde de municipio.

Os jardins de infância funcionam annexos ás escolas normaes.

As escolas maternas funcionam nas proximidades das fabricas e recebem as crianças de 2 a 5 annos, filhas de operarios, proporcionando-lhes alimentação e outros cuidados.

DA DIRECÇÃO DO ENSINO

O ensino publico primario, secundario e superior está a cargo do Secretario do Interior. Dependente do Secretario do Interior, existe a Directoria Geral da Instrucção Publica, incumbida de dirigir e fiscalizar o ensino primario, secundario e profissional.

A Secretaria Geral da Instrucção Publica compõe-se de:

- a) um director geral e um secretario;
- b) 5 inspectores geraes;
- c) 6 inspectores especiaes: — um de musica, um de educação physica, dois de trabalhos manuaes, um das escolas maternas e um de desenho;
- d) 50 inspectores districtaes;
- e) auxiliares de inspecção;
- f) uma repartição de inspecção medico-escolar;
- g) o Almoxarifado da Instrucção Publica.

Aos inspectores geraes compete, além da orientação e inspecção geral do ensino, o estudo de todas as questões que interessam o aperfeiçoamento do apparelho escolar, adopção de livros didacticos, e abertura de syndicancias e processos administrativos.

Aos inspectores especiaes cabe a orientação do ensino das materias a seu cargo em todos os estabelecimentos do Estado.

Aos inspectores districtaes cabe dirigir e fiscalizar o ensino dos estabelecimentos do seu districto, com obrigação de residirem na séde.

Aos auxiliares de inspecção está affecto exclusivamente o serviço de fiscalização da zona em que tiverem exercicio, e a sua missão principal resume-se em passar attestados e encaminhar a remessa de papeis e material escolar.

DAS ESCOLAS NORMAES

Funcionam actualmente 10 escolas normaes, sendo duas na Capital e as restantes nas seguintes localidades: Campinas, Piracicaba, Botucatú, Casa Branca, São Carlos, Pirassununga, Itapetininga e Guaratinguetá.

Todas as escolas estão installadas em prédio para esse fim construido, e além do curso normal, contam com uma escola-modelo do typo grupo-escolar, e duas escolas isoladas modelo para a pratica dos alumnos normalistas, além de uma escola complementar, de dois annos, para os alumnos que concluem o estudo primario.

Os diplomados por esse curso têm direito á matricula no primeiro anno normal, respeitada sempre a terça parte das vagas para os candidatos que não cursaram o estabelecimento e que ficam sujeitos aos exames de sufficiencia.

Os alumnos das escolas normaes pagam a taxa annual de 120\$000, em duas prestações, e os das complementares a de 100\$000, tambem em duas parcelas.

As materias do curso normal são distribuidas pelo modo seguinte:

- Portuguez.
- Francez.
- Inglez.
- Latim, Literatura e Historia da Lingua.
- Mathematica.
- Physica e Chimica.
- Geographia Geral e Cosmographia.
- Historia da Civilização, da America, e especialmente do Brasil.

Biologia, anatomia e physiologia humanas, hygiene e noções de puericultura.

Psychologia e Pedagogia.

Didactica.

Desenho, trabalhos manuaes, musica e gymnastica, em todas as classes do curso.

Annexo a escola normal funciona o Orpheon escolar destinado a cultivar o gosto artistico e a despertar o amor pela musica nacional.

DAS ESCOLAS PROFISSIONAES

Funcionam em todo o Estado 5 escolas profiissionaes, sendo uma feminina, onde se diplomam candidatos do curso de costura, bordados, flôres e pintura applicada, dactylographia, stenographia e correspondencia commercial.

Nas escolas masculinas são professados os seguintes cursos: marcenaria, ferraria e serralharia, fundição e modelagem, pintura e decoração, electro-tecnica, funilaria, marmoria, esculptura em barro e madeira, tapeçaria, fiação e tecelagem, zincographia e gravação, ourivesaria e relojoaria, sellaria e tramagem, chimica industrial e agricola, douração e nickelagem, alfaiataria em geral.

GYMNASIOS

Existem tres gymnasios, organizados de accordo com o gymnasio Pedro II, accrescido o curso com outras materias julgadas necessarias ao preparo dos candidatos aos cursos superiores. Taes estabelecimentos funccionam em edificios proprios e com as suas aulas desdobradas, em virtude do numero de matriculados.

GRUPOS ESCOLARES

Funcionam ao todo 272 grupos-escolares, sendo 47 na capital e 225 no interior, com um total de 3.606 classes.

ESCOLAS REUNIDAS

O numero de escolas reunidas é de 232, com 1.109 classes providas.

ESCOLAS ISOLADAS

Existem 1.450 escolas isoladas, e o governo pôz em concurso 200 escolas, dispondo de verba para provêr mais 300 unidades escolares.

DADOS DE MATRICULA

Os grupos-escolares do Estado foram frequentados, em 1924, por 111.564 alumnos, sendo 29.950 nos estabelecimentos da capital e 81.614 nos do interior.

As escolas reunidas receberam 77.132 crianças, cabendo ás da capital 9.016 e 68.116 ás do interior.

O curso complementar accusou a matricula de 1.471 estudantes.

As escolas normaes do Estado foram frequentadas por 1.461 normalistas.

Os gymnasios foram procurados por 1.014 alumnos. (*)

As academias superiores receberam 461 alumnos.

(*) Faltam os dados relativos á Escola Agricola "Luiz de Queiroz".

As escolas profissionais, inclusive o Seminário das Educandas, accusaram a matricula de 2.822 alumnos.

O total, pois, de alumnos mantidos pelo Estado é de 275.027, conforme o seguinte resumo:

Ensino primario	269.730
Ensino normal	1.461
Ensino profissional	2.822
Ensino gymnasial	1.014
Total	275.027

As escolas particulares da capital foram frequentadas por 41.513 alumnos e as do interior por 49.207, perfazendo o total de 90.720 alumnos. Donde resulta a matricula geral de 366.206 alumnos nas escolas officiaes e particulares do curso primario, normal, gymnasial e profissional.

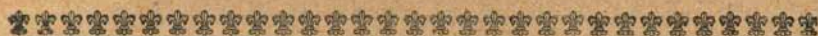
Para o ensino propriamente primario, os dados são estes:

Nas escolas officiaes	269.730
Nas escolas particulares	68.061
Total	337.791

A população escolar de 6 a 12 annos, segundo os dados estatísticos, era, em 1920, de 656.114 crianças, devendo orçar em 1925 por 680.000.

Considerando-se que grande parte da população infantil, 30 % pelo menos dentro dessas edades, já deixou as escolas, restam 396.000 crianças para frequentar as aulas primarias.

Sendo de 337.791 o numero de alumnos que recebem instrucção, é provavel que ainda haja necessidade de escolas para 58.000 crianças, ou sejam mais 1.250 unidades escolares, numero relativamente pequeno, dadas ás condições de prosperidade do Estado e o crescente numero de cursos particulares em todos os logares populosos.



SECRETARIA DO INTERIOR

ACTOS DIVERSOS

Virgilio Moreira. — Submetta a enferma a inspecção, em Guaratinguetá, observadas as instrucções sobre organização da junta e recorrendo-se á Directoria Geral do Serviço Sanitario.

Não basta allegar a qualidade de filho, para justificar a licença para tratamento de pessoa da familia, sendo indispensavel fazer certo que a enferma não dispõe de outra pessoa da familia para seu tratamento.

O afastamento prolongado do professor, principalmente neste periodo, é altamente prejudicial ao ensino, e nessas circumstancias só poderá e deverá sêr autorizado em casos estritos e bem verificados.

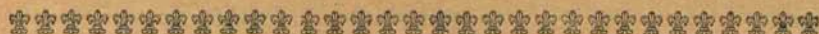
Não basta outrosim, a informação de que a enferma esteve de cama no dia indicado para inicio da licença, para que fiquem satisfeitas as exigencias do artigo 17, § 2.º da lei n.º 3205, de 1920; — cumpre ficar devidamente verificado que estava a enferma de cama e com molestia que exigia ficar de cama.

Do director do Grupo Escolar de Olympia, consultando si um professor, tendo gozado licença este anno, mas contando periodos anteriores de 3, 5, 7 1/2 ou mais annos de effectivo e continuo exercicio, faz jus ás regalias constantes dos arts. 42 e 43 do decreto n.º 3858, de 11 de junho deste anno. — Não tem direito. O blóco de effectivo exercicio, ininterrupto, para effeito dos arts. 42 e 43 do decreto n.º 3858, de 11 de junho ultimo, é contado da data da ultima licença, anterior ao referido decretó.

D. Maria de Andrade Squarzini. — Não procede a informação que, aliás, vae de encontro a decisões já firmadas sobre

a materia do inicio declarado. O art. 17 e seus §§ dominam e regem todos os casos de licenças requeridas por professores primarios. E o confronto desses dispositivos com os do art. 16 e seus §§ torna ainda mais claro o espirito da exigencia. O art. 19 da lei n.º 1521, de 1916, diz que o empregado que tiver 12 annos continuos de exercicio sem que tenha gozado licença, poderá obtel-a pelo prazo de seis mezes, mesmo que não allegue molestia. E' claro que os termos *poderá obtel-a*, sujeitam o funcçionario á obrigação de requerer licença e provar o tempo exigido de exercicio continuo sem licença, subordinando tudo a despacho da autoridade competente concedendo, o que importa em incluir o caso no regimen commum, quanto á época em que entrará no gozo della e as formalidades a isso indispensaveis. Os favores concedidos são unicamente os expressos na lei e entre esses não figura o de entrar o funcçionario no gozo della a qualquer tempo e sem observancia das formalidades legaes respectivas. Para que elle goze dos favores do art. 19 e seu § unico e ao mesmo tempo goze do inicio declarado, cumpre que satisfaça ás exigencias do § 2.º, do art. 17, pois esse diz que a *unica possibilidade do professor obter licença com inicio declarado é provando estar de cama na época em que a requereu*. Pelos fundamentos expostos, indefiro o requerimento.

D. Edelvina Souza Pereira. — Sim, á vista do attestado e das informações. Cumpre assignalar ainda uma vez que as exigencias do artigo 17, § 2.º, do decreto 1205, de 1920, devem sêr satisfeitas immediatamente no tempo em que é feito o requerimento da licença. A lei é clarissima e a sua escrupulosa observancia se impõe, cumprindo á autoridade escolar respectiva as providencias a respeito.



INDICE

	PAG.
A "REVISTA ESCOLAR"	1
LIÇÕES PRATICAS:	
Linguagem	4
Arithmetica	5
Geometria	8
Geographia	12
Physica	16
Systema-metrico	19
Educação moral	21
Hygiene	23
Zoologia	26
Educação civica	28
PEDOLOGIA:	
A imaginação e suas variedades na criança	32
Evolução psychica da criança	33
LIÇÕES DE COISAS:	
O giz	35
O bambú	36
A canfora	37
O lapis	49
O cimento	41
O verniz	43
A illuminação	45
A ceramica	47
O arco-iris	48
A caneta	49
QUESTÕES GERAES:	
Palestras sobre ensino	52
Instruir-se pela leitura	58
LITTERATURA INFANTIL:	
Monologo	64
Amigos	66
O vento e o sol	67
O sacy-pererê	69
O primeiro gymnasio	70
Os amigos da agricultura	73
Mãe e filho	75
O jardim da vovó	75
A fada e o lenhador	77
Mestre	79

	PAG.
NOS ARRAIAES DO ENSINO:	
Do espirito philosophico no ensino	81
VULTOS E FACTOS:	
Oswaldo Cruz	85
PAGINA DA CRIANÇA:	
Exercicios de raciocinio	88
METHODOLOGIA:	
Processo educativo	90
MUSICAS E CANTOS ESCOLARES:	
Côro dos pescadores	93
EDUCAÇÃO PHYSICA:	
Jógos escolares	89
NOTICIAS:	
7 de Setembro	102
Festa das arvores	106
A instrucção publica no Estado de S. Paulo, segundo a ultima refórma	107
SECRETARIA DO INTERIOR:	
Actos diversos	111



"S. PAUDO
"TYPOGRAPHIA SIQUEIRA"
"Rua Libero Badur" 48
1925

